

GAZETA MEDICA DA BAHIA.

ANNO VII

BAHIA 15 DE JUNHO DE 1874.

N.º 165

SUMMARIO

MEDICINA. A variola no Hospital da Caridade no periodo de 19 annos desde 1855 a 1873 pelo Dr. Silva Lima. O laborand: estado da questão. Breves considerações sobre a escolha da ilha do Nogueira (Pernambuco) para edificação do asylo de alienados pelo Dr. A. Veloso. O esgoto, a limpeza e o abastecimento das aguas em Lisboa o que foram ou são e o que devem ser pelo Dr. Bernardino A. Gomes. **BIBLIOGRAPHIA.** Formulário ou guia medica do Dr. Chernoviz pelo Dr. Bomfim. **ENSINO SUPERIOR.**

Discurso proferido na sessão de 20 de Maio de 1874 por occasião de discutir-se o projecto que manda contar a antiguidade dos oppositores das Faculdades de Medicina. **NOTICIARIO.** Acção do croton-chloral nas nevralgias. Leite de caoutchouc. Pasta esca-rolica de Canquottin. Longevidade. Apparencia physica não dá garantia contra a tísica pulmonar. **FORMULARIO.** Pillulas calmantes. Contra o lichen agrius.

MEDICINA

A VARIOLA NO HOSPITAL DA CARIDADE NO PERIODO DE 19 ANNOS, DESDE 1855 A 1873.

Pelo Dr. Silva Lima.

Durante os dez ultimos annos em que tenho exercido no Hospital da Caridade o cargo de medico effectivo, raro foi o mez em que não tive a tratar doentes de variola, adquirida fora ou dentro das minhas enfermarias. Tem succedido outro tanto aos meus illustrados collegas que alli exercem iguaes funções por mais dilatado espaço de tempo, tanto nas salas de medicina como nas de cirurgia. Em umas e outras temos tido, nós todos, por muitas vezes, que lamentar a perda de doentes que soffriam de molestias pouco importantes, ou em adiantada convalescença de affecções gravissimas, ou de operações de alta cirurgia, e que pereceram victimas de variola intercurrente.

Estes factos deploraveis contristavam-nos por tal forma que nos levaram a sollicitar, por diversas vezes, da Mesa Administrativa da Santa Casa, especialmente de 1868 para cá, providencias que, pelo menos, os tornassem mais raros, quando não podessem evitar completamente a sua reproducção; taes eram, entre outras, a creação de uma enfermaria especial, isolada o mais possivel, e a vaccinação de todos os doentes susceptiveis de contrahir a molestia. Infelizmente, apesar da boa vontade das diversas Administrações, e sobre tudo da actual, nada se tem podido realisar, nem mesmo durante a recente epidemia de variola, em consequencia das grandes obras que a Misericórdia está a concluir, e que lhe tem absorvido todas as attenções e avultados capitães. Concluidas

estas, não tenho duvida alguma de que sejam attendidas as justas e humanitarias reclamações dos facultativos do Hospital, para o que já foram iniciados alguns estudos preliminares no presente anno.

Tendo eu visto, como disse, que de 1864 até agora raro foi o mez em que não tive a tratar doentes de variola no Hospital, mesmo quando na cidade eram rarissimos os casos d'esta molestia, lembrei-me de verificar desde quando ella se constituiu uma affecção quasi permanente em nossas enfermarias, e se estas se poderiam considerar constantes focos d'infectão, não só para os doentes que as procuram, como para os habitantes da cidade, a quem aquelles, á sá-hida, e tambem as pessoas que visitam as mesmas enfermarias, transmittam o germen da molestia, alli reproduzido e accumulado de continuo.

Para conhecer a frequencia da variola no Hospital, foi indispensavel recorrer ao archivo da secretaria da Santa Casa, onde são recolhidos os livros de registro. Incumbiu-se de tão improbo trabalho, com a melhor vontade e intelligente dedicação, o Sr. A. Monteiro de Carvalho, distincto alumno da Faculdade, mediante permissão obsequiosamente concedida pelo digno Provedor interino, o Sr. Dr. Cincinato Pinto da Silva.

D'estas investigações resultou o mappa annexo, habilmente confeccionado pelo Sr. Monteiro, que lhe incorporou todos os quadros estatísticos parciaes de cada anno, a contar de 1855 a 1873, inclusive.

O livro de registro mais antigo que se encontrou foi o de 1837; mas nem este nem os dos annos seguintes até 1846 tinham preenchida a columna dos diagnosticos, e, portanto, de nada poderam servir para o intentado proposito. Não foram, tão pouco, utilizados os registros de 1846 a 1854, por-

que na columna do diagnostico havia muitas casas em branco; não obstante estas lacunas verificou-se que entre as molestias alli designadas havia em todo aquelle periodo, e em cada um dos 9 annos que o constituem, alguns, ainda que poucos casos de variola. Só de 1855 para cá é que a escripturação dos livros de registro é regular, e por isso foi só d'essa epocha até o fim do anno passado que se colligiram, mez por mez, os casos de variola tratados nas enfermarias de Hospital.

A totalidade dos casos registrados em 19 annos é de 1214; este numero, porem, é, com certeza, inferior ao dos doentes que foram tratados de variola no Hospital, pois comprehende unicamente aquelles que já entraram affectados d'esta molestia, ou que adquirindo-a nas enfermarias falleceram d'ella; faltam n'aquelle computo os que a tiveram como affecção intercurrente, e se curaram; porque nos casos, assaz numerosos d'esta especie, o diagnostico lançado nas papeletas costuma ser o da molestia principal e não o de variola.

Vê-se pelo exame do mappa que em nenhum dos 19 annos que elle abrange deixou de haver variola nas enfermarias, sendo o menor numero de 6, em 1860, e o maior de 206, em 1873.

Durante os 228 mezes comprehendidos nos 19 annos, só em 43 deixou de haver variolosos no Hospital, faltando em

Janeiro de 1856, 57, 58, 61, 64 e 67

Fevereiro de 1857, 58, 61, 63 e 64

Março de 1856, 57, 58 e 61

Abril de 1855, 58 e 60

Maio de 1858, e 60

Junho de 1857, 58 e 60

Julho de 1857, 60 e 66

Agosto de 1855, 57, 59, 60 e 66

Setembro de 1860, 66 e 68

Outubro de 1860

Novembro de 1857, 60

Dezembro de 1855, 57, 60, 63, 64 e 66

Os maiores intervallos de completa isenção d'esta molestia no Hospital foram: um de 8 mezes, de novembro de 1857 a junho de 1858; e um de 12, desde abril de 1860 até março de 1861 (1).

Desde 1862 até 1873 houve dous intervallos de 3 mezes cada um, sendo o primeiro de dezembro de 1863 a fevereiro de

(1) Os mezes aqui designados são os da entrada dos doentes de variola.

1864; e o segundo de julho a setembro de 1866. Abstrahindo estes, e mais tres de um mez cada um, em fevereiro de 1863, dezembro de 1864, setembro de 1868, e um de dous mezes, dezembro de 1866 e janeiro de 1867, póde-se considerar a variola como uma molestia de existencia permanente no Hospital da Caridade nestes ultimos 12 annos.

Em geral a maior frequencia da variola corresponde á estação em que a temperatura é mais elevada; no total de cada mez vemos que o maximo numero de casos pertencem a outubro (167) seguindo-se na ordem descendente, setembro (141) novembro (126), dezembro (108).

É notavel que no mez de outubro, por espaço de 19 annos, só em 1860 deixou de haver casos de variola no Hospital.

Em relação ao sexo vemos que o numero dos homens foi de 760 e o das mulheres de 451, sendo o d'estas superior á metade d'aquelles. Geralmente não é esta a proporção ordinaria dos sexos no Hospital; o numero de mulheres é quasi sempre inferior á metade dos homens, isto é, á quarta parte da população total das enfermarias. Uma das razões, e certamente a principal, d'esta differença para mais na proporção entre os casos de variola nas pessoas do sexo feminino em 19 annos, e o total destas e o das entradas no mesmo periodo, provém de que durante a guerra com a Republica Oriental, e a do Paraguay, tanto os voluntarios como os recrutados do interior da provincia, traziam muitas vezes consigo mulheres, que sendo affectadas de variola eram recolhidas ao Hospital da Caridade, ao passo que elles, no mesmo caso, eram tratados nas enfermarias militares; assim vemos que em 1865 e 1867 o numero de mulheres variolosas excedeu o dos homens, facto que em outra epocha não succedeu, a não ser em 1857, e assim mesmo em um total apenas de 6 doentes de variola.

Dos 1211 variolosos falleceram 432, ou 35,67 por cento. De 760 homens falleceram 264, ou 34,73 por cento; e de 451 mulheres falleceram 168, ou 37,25 por cento; assim a mortalidade relativa foi cerca de 2 1/2 por cento maior nas mulheres do que nos homens.

Dos 1211 doentes eram d'esta cidade 907, e de outras procedencias 304.

Consultando os quadros parciaes organi-

MAPA estatístico dos casos de varíola no Hospital de Caridade de 1855 a 1873.

MESES	Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho		Julho		Agosto		Setembro		Outubro		Novembro		Dezembro		Total de cada anno		Sexo		Curados		Mortos	
	Casos	Mortes	Casos	Mortes	Casos	Mortes	Casos	Mortes	Casos	Mortes	Casos	Mortes	Casos	Mortes	Casos	Mortes	Casos	Mortes	Casos	Mortes	Casos	Mortes	Casos	Mortes	Casos	Mortes	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres		
1855	1	..	2	1	1	..	4	..	1	..	1	..	2	..	..	..	4	2	..	..	2	..	..	..	21	6	13	8	10	5	3	3
1856	..	..	3	3	..	4	5	1	1	1	1	1	2	1	1	1	5	1	1	1	1	1	1	35	11	26	9	18	6	8	3	
1857	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	2	..	..	..	..	..	..	7	3	6	4	4	..	2	4	
1858	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	3	2	..	..	..	..	..	29	5	22	7	17	7	5	..	
1859	3	1	2	..	..	1	1	2	..	..	6	1	7	2	8	2	2	..	6	1	7	2	2	39	11	34	5	25	3	9	2	
1860	4	1	1	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	6	2	1	5	1	3	..	2	
1861	..	..	..	..	..	..	..	..	..	..	3	2	1	..	6	4	22	3	16	5	15	6	12	6	78	28	51	27	36	14	15	13
1862	11	5	5	1	2	1	6	2	5	3	10	6	6	2	5	3	9	1	8	5	3	..	4	3	70	30	43	27	27	13	16	14
1863	15	6	..	..	..	2	1	4	2	8	1	5	2	3	2	3	..	3	5	2	3	..	..	..	50	18	32	18	23	9	9	9
1864	..	..	..	..	..	1	2	1	4	1	6	2	6	4	5	1	1	1	11	8	3	3	2	..	39	21	26	13	40	8	16	5
1865	8	3	4	2	9	2	5	1	6	3	8	3	10	3	8	2	6	1	6	..	17	3	11	4	98	27	48	50	38	33	10	17
1866	4	1	4	1	6	1	2	1	1	1	1	1	..	..	..	..	..	..	1	..	1	..	..	..	20	5	17	3	12	3	5	..
1867	..	..	1	1	3	2	7	4	10	5	5	8	8	3	8	3	16	7	14	7	7	4	5	2	86	40	39	47	24	22	15	25
1868	15	4	8	3	6	3	4	2	2	1	2	..	1	..	2	1	..	1	6	1	5	1	4	1	57	16	32	25	25	16	7	9
1869	2	1	3	1	2	2	1	1	3	2	2	3	9	3	5	1	10	2	24	6	13	2	11	4	88	25	52	36	37	26	15	10
1870	10	4	7	3	9	5	5	18	9	8	..	..	12	1	8	2	9	3	11	1	4	2	3	..	104	30	75	29	52	22	23	7
1871	3	1	18	8	19	7	16	6	3	..	2	..	5	3	8	5	15	3	5	4	6	2	5	4	103	37	65	40	37	31	28	9
1872	4	1	8	2	5	2	7	4	2	5	1	3	3	..	6	1	4	..	9	1	8	4	7	4	73	22	46	27	30	21	16	6
1873	11	4	7	3	4	20	6	1	15	11	36	15	12	8	15	11	24	12	36	15	26	12	33	19	206	95	132	74	70	41	62	33
Total....	91	32	73	31	76	29	83	29	80	29	76	29	92	30	98	40	141	39	167	54	126	43	108	47	1214	432	760	451	496	283	264	168

sados pelo Sr. Monteiro de Carvalho, vejo que no total de 1211 casos estão incluídos 51 de varioloide, e 6 de varicella. Deduzindo estes 57 casos ficam 1154, vindo por isso a mortalidade geral a ser um pouco maior do que acima fica dito, isto é 37,43 por cento em vez de 35,67.

Nos 19 annos considerados individualmente nunca a mortalidade, ainda que muito elevada em alguns, chegou á proporção de 50 por cento; mas considerando os sexos em separado vemos que em 1863 pereceram exactamente metade das mulheres affectadas de variola, e em 1862 e 67, mais de metade. A mortalidade nos homens só foi superior a 50 por cento em 1864.

Nos annos em que o numero de casos excedeu a 100, que foram os de 1870, 71 e 73, vemos que a mortalidade foi em proporções muito diversas em cada um, sendo de 28,84 por cento no primeiro, 35,23 no segundo, e 46,16 no terceiro.

Comtudo, considerando a totalidade dos casos nos 19 annos, a mortalidade de 35,67 por cento não se deve reputar excessiva, nem mesmo a de 37,43, excluídos os de varioloide, ou variola modificada, e varicella; porquanto vemos que Marson, em um total de 2654 casos de todas as especies de variola, achou que os fataes foram na proporção de 37 por cento (2). Digo em casos de todas as especies, pois é sabido que a gravidade da molestia, e por consequencia a mortalidade, é muitissimo diversa na variola discreta e na confluyente, hemorrhagica, emaligna; e tanto a nossa como a estatística de Marson comprehendem promiscuamente as variedades conhecidas da molestia, o que torna perfeitamente comparaveis os seus resultados.

Pela experiencia adquirida nas minhas enfermarias, e pelo que conheço das dos outros collegas, sei que é consideravel o numero de pessoas que adquirem a variola no Hospital; mas como este facto não consta das papeletas, nem dos registros, não é possível calcular o numero das que a não trazem de fóra. Tambem não é possível saber, pela mesma razão, quantos dos variolosos haviam sido vaccinados, nem quaes as modificações que a vaccina anterior imprimiu na marcha, forma, duração e exito da molestia.

A vaccinação é praticada algumas vezes

no Hospital, e tambem foram de vez em quando mandados alguns doentes ao Instituto vaccinico; porem não se procedendo assim com todos os não protegidos contra a variola, a propagação da molestia nas enfermarias é inevitavel, e, alem d'isso, alguns que alli permanecem por poucos dias, levam-na para si e para suas familias. É por isso que eu não estou longe de pensar que o Hospital da Caridade, no mesmo tempo que dá asylo e curativo aos variolosos de mistura com casos de outras enfermidades, é tambem, ha longos annos, o repositorio da semente que propaga a molestia nas enfermarias e no exterior. Por ambos os motivos, é de absoluta e urgente necessidade, não só isolar completamente os variolosos, removendo-os para uma enfermaria especial, como tambem vaccinar a todos os doentes succéptiveis de adquirir variola, haja ou não casos d'esta molestia no Hospital.

Segundo o relatorio do Sr. Dr. Inspector de Saude Publica (3), o numero de pessoas que falleceram de variola no anno de 1873 n'esta cidade foi de 454. Suppondo que a mortalidade não fosse maior de 37 por cento, o numero de individuos affectados (que não consta de documento algum) seria pouco mais ou menos, 1200, e, n'este caso, a sexta parte, isio é, 206 foram tratados no Hospital da Caridade, para onde geralmente affluem os doentes mais gravemente affectados d'esta molestia.

Esta circumstancia poderia dar a razão da grande mortalidade no mesmo Hospital, que, como já dissemos, e se vê do mappa annexo, foi de 95 sobre 206, ou 46,16 por cento, ou perto da quinta parte da mortalidade geral por variola no anno passado em toda a cidade.

No mappa que serve de base ás prece-dentes considerações, não se comprehendem se não o numero de doentes em cada anno e em cada mez, o sexo, e a mortalidade. Outros dados estatísticos poderiam ainda ser extrahidos da mesma fonte de onde se derivaram aquelles, taes como os que se referem ás edades, raças, profissões, e nacionalidade dos individuos affectados. Para isso era necessario multiplicar os quadros estatísticos, sem vantagem para o fim principal a que me propuz, que vem a ser—mostrar que a variola é uma doença quasi perma-

(2) Citado por Erasmus Wilson, *Diseases of the skin* p. 477.

(3) Vid. *Gaset. Med.* n. 156 de 31 de Janeiro ultimo.

nente n'esta capital, e que a promiscuidade de variolosos com outros doentes nas enfermarias do Hospital da Caridade, é a principal causa da diffusão e permanencia da molestia entre nós.

Removida esta causa, como creio que o será em breve, é de esperar, se não a extincção da variola n'esta cidade, ao menos uma diminuição consideravel na sua frequencia e duração, por muitos mezes, e talvez por muitos annos successivos.

O JABORANDI: ESTADO DA QUESTÃO.

O jaborandi é um arbusto do Brazil, talvez identico a uma especie da familia das rutaceas, o *Pilocarpus pinnatus*: parece ser dotado de propriedades sudorificas e sialogogas energicas. Suas folhas ovaes, alongadas, inteiras, tendo dous a seis centimetros de largura e oito a doze de extensão, podendo attingir a tres decimetros, são lisas, espessas e semelhantes as do loureiro de Apollo.

Segundo o Dr. Coutinho (do Rio de Janeiro), que trouxe á Paris a primeira amostra, « basta quebrar as folhas e os pequenos ramos e fazer nma infusão de quatro a seis grammas em uma chicara de agua quente: dez minutos depois de administrada esta infusão, que pôde não ser bebida quente, o individuo é immediatamente invadido por suores, cuja producção incessante durante 4 a 5 horas é tal que o obriga a mudar a roupa muitas vezes. Ao mesmo tempo da-se grande secreção salivar e excreção bronchica não menos abundante de sorte que a cavidade buccal enche-se rapidamente de liquido, difficultando a falla. Esta excreção pôde elevar-se á um litro e mais: um doente atacado de forte bronchite, na clinica de Gubler e ao qual foi prescripto uma chicara desta infusão, comparava o effeito produzido a um *banho interno de vapor*.

E', pois, um diaphoretico poderoso e um sialogogo energico. Não existe na materia medica um diaphoretico de tanta importancia. Todos tem maior ou menor energia, com tanto que sejam ingeridos em infusão quente. » (*Jornal de therapeutica*).

Estas asserções tem sido verificadas experimentalmente por muitos medicos, principalmente pelo professor Gubler.

O Dr. Rabuteau demonstrou em si mesmo estas propriedades admiraveis e fez sobre a planta algumas analyses chimicas, cujo resultado foi o seguinte: « As folhas do jaborandi tem um cheiro talvez devido a um principio fugaz não analogo aos oleos essenciaes contidos nas plantas aromaticas: seu sabor amargo é produzido por um principio soluvel n'agua e no alcool, que pôde ser isolado tratando pelo alcool o extracto aquoso d'estas folhas. Emfim não parecem conter alcaloide algum. Será facil determinar qual o principio activo do jaborandi administrando-se separadamente: 1.º a agua distillada das folhas; 2.º a substancia amarga obtida por meio do alcool; 3.º o residuo do extracto aquoso insolavel no alcool. » (*União medica*.)

Infelizmente estas experiencias actualmente são impossiveis, visto como está esgotado a amostra trazida pelo Dr. Coutinho: elle mesmo confessou-me que não sabia quando lhe chegaria nova remessa. A especulação provavelmente apoderar-se-ha do novo medicamento, e trará difficuldades em se obter verdadeiras folhas do jaborandi.

Segundo Gubler, esta substancia sera muito util nas affecções a *frigore*, bronchites de fervores vibrantes, diabetes albuminosa e hydropisias, envenenamentos e molestias produzidas por miasmas ou venenos morbidos e febres eruptivas interrompidas em sua evolução. Julgo que, graças á suas propriedades expectorantes, o jaborandi poderá ser de muita utilidade no catarrho pharyngo-nasal e na pharyngite granulosa: suas propriedades sudorificas energicas poderão modificar com muita vantagem certas molestias da pelle; e eu sei de fonte limpa que um nosso collega curara uma psoriasi somente com o emprego da infusão.

DR. C. GAYEAU.

(*Da Tribuna medica*.)

O JABORANDI DO BRAZIL.

O Dr. Coutinho (de Pernambuco) acaba de descobrir no Brazil, seu paiz natal, um agente therapeutico, que, se acreditarmos nas experiencias feitas pelo professor Gubler em sua clinica de Beaujon, possui propriedades diaphoreticas poderosas alem de uma acção sialogoga das mais energicas. As propriedades da borragem, do antimónio como sudorificos; das raizes de pyrethro, de ptar-

mica, de imperatorio como sialogogos acham-se reunidas n'este medicamento, que provém de um arbusto do Brazil denominado Jaborandi. Este arbusto que cresce em algumas provincias do norte do Brazil e cujas folhas são quasi semelhantes as do loureiro de Apollo, está predestinado a prestar relevantes serviços em todos os casos em que a transpiração e a salvação forem necessarias; e estes casos são numerosos. Eis o que finalmente diz o professor Gubler no *Jornal Therapeutico*: « Rigosissimo em poder confirmar plenamente as asserções do Dr. Coutinho. Os effeitos do jaborandi são extremamente notaveis e de uma evidencia irresistivel. « Este medicamento, que eu tenho experimentado muitas vezes, tem-se mostrado sempre um forte diaphoretico e um sialogogo incomparavel. Sua acção se faz sentir no fim de alguns minutos e por assim dizer infalivelmente. Logo depois de administrado, o suor corre pela face e por toda a superficie do corpo. A saliva escoá-se em tão grande abundancia que a palavra torna-se quasi impossivel, e muitas vezes me tem succedido recolher em menos de duas horas um litro e mais. Ao mesmo tempo tenho visto augmentar a secreção bronchica e em um ou dous casos sobresahir a diarrhéa.

Cousa notavel, a intervenção do calor, como indica o Dr. Coutinho, tem uma importancia mediocre na producção dos effeitos sudorificos do jaborandi, em quanto que é preponderante desde que se trata de nossos principios sudorificos indigenas.

Certamente não é inutil administrar a infusão bem quente e submeter o individuo aos seus cubertores, mas o novo diagnostico não exige taes condições para manifestar o seu poder. Assim o Sr. Nonet, um de meus discipulos, que só transpira com extrema difficuldade, conseguiu suar ingerindo a infusão tepida do jaborandi, sem que fosse preciso recolher-se ao leito. »

Os resultados obtidos pelo Sr. Gubler sobre as indicações do Sr. Coutinho permitem sem duvida alguma acreditar na efficaçia do jaborandi; mas seja-nos permittido todavia esperar novas experiencias e observações affin de nos pronunciarmos definitivamente quanto ao emprego geral do novo medicamento e á applicação que se possa fazer ás diversas affecções em que a trans-

piração e a salvação são principalmente indicadas.

DR. HUBERT.

(*Le Mouvement medical.*

UM NOVO MEDICAMENTO DIAPHORETICO E SIALOGOGO, O JABORANDI DO BRAZIL.

O Dr. Coutinho (do Rio de Janeiro) levou a Paris este novo medicamento, fazendo conhecer as suas propriedades no *Jornal Therapeutico* do Sr. Gubler, n. 5. Este por sua vez tem experimentado em sua clinica e confirma cabalmente todo o proveito que delle se pôde tirar segundo o Dr. Coutinho. O jaborandi é o nome indio de um arbusto que cresce no interior de algumas provincias do norte do Brazil e cujas folhas parecem-se muito com o loureiro de Apollo.

Confrontando as amostras levadas á Paris com as plantas brasileiras de seu herbario o professor Baillon poudé certificar-se da identidade do jaborandi como uma especie da familia das rutaceas, o *pilocarpus pinnatus*, Lem. Como quer que seja, o novo medicamento parece ser um sudorifico assaz energico.

Na opinião de Gubler, « os effeitos do jaborandi são extremamente notaveis e de uma evidencia irresistivel. Este medicamento empregado por muitas vezes em sua clinica do hospital Beaujon sempre se mostrou como um diaphoretico energico e sialogogo importante. Sua acção se faz sentir no fim de alguns minutos e por assim dizer infalivelmente. Logo depois de ingerido, o suor corre pela face e por toda a superficie do corpo, a saliva escoá-se em tão grande abundancia que a palavra torna-se quasi impossivel e muitas vezes succedeu-lhe recolher em menos de duas horas um litro e mais. Ao mesmo tempo viu elle augmentar a secreção bronchica e em um ou dous casos apparecer a diarrhéa.

Cousa notavel, a intervenção do calor, como indica o Sr. Coutinho, tem uma importancia mediocre nos effeitos sudorificos do jaborandi, em quanto que é preponderante quando se trata dos nossos principaes sudorificos indigenas. Certamente não é inutil prescrever a infusão bem quente e submeter o individuo aos seus cubertores, porém o novo diaphoretico não exige taes condições para manifestar a sua energia.

Assim o Sr. Nonet um de seus discipulos que só transpira com extrema difficuldade

conseguiu suar tomando sem essa cautela uma chicara de infusão de jaborandi um pouco tepida.

E' evidente pelo que acabamos de dizer que as folhas do jaborandi encerram um ou muitos principios immediatos capazes de estimular directamente, durante a sua eliminação, não somente as glandulas salivares, mas tambem as sudorificas.

A especie brasileira trazida pelo Dr. Coutinho seria portanto a primeira amostra incontestavel de um diaphoretico verdadeiramente digno deste nome, isto é, de um medicamento que tem o poder de provocar directamente a secreção do suor por uma acção electiva, por uma estimulação especial do aparelho sudoriparo. Desde então é facil prever o futuro reservado a um igual agente, ao mesmo tempo energico e inoffensivo, cuja prescrição racional se tornará necessaria em uma multidão de estados morbidos, mui diferentes uns dos outros sob o ponto de vista da natureza como da gravidade, porém que offerecem o caracter commum de reclamarem o esforço secreto da pelle e das glandulas salivares. Citemos unicamente alguns dos casos importantes de affecções *a frigore* em seu primeiro periodo, bronchites de fervores vibrantes com ou sem emphysema, diabetes albuminosa e hydropisias, envenenamentos e molestias oriundas de miasmas ou venenos morbidos, febres eruptivas, interrompidas em sua marcha etc.

Eis as principaes applicações ás quaes, parece dever-se prestar a planta introduzida pelo Sr. Dr. Coutinho na materia medica e das quaes muitas já tem sido realizadas por este medico distincto e por nós mesmo verificadas.

(*Le Bordeaux medical.*)

(*Trad. de A. Garcia.*)

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCOLHA DA ILHA DO NOGUEIRA (PERNAMBUCO), PARA EDIFICAÇÃO DO ASYLO DE ALIENADOS

Pelo Dr. I. A. Velloso.

I

Occupa actualmente a attenção da população desta cidade, a escolha de uma localidade, para ser collocado um asylo de alienados, que se pretende construir com gi-

gantescas proporções, e não parecendo de simples intuição semelhante escolha, por se não achar nas condições prescriptas pelos preceitos hygienicos, e que poderá acarretar grandes desvantagens no restabelecimento dos doentes, não podemos deixar passar despercebida a pouca importancia, que se liga, entre nós, á corporação medica deixando-se de ouvil-a em casos tão transcendentes.

Entre nós, como em todos os paizes, aonde a civilisação não tem attingido a meta do seu desenvolvimento, todos se julgam habilitados para resolver as mais difficeis questões; ainda mesmo que seus titulos scientificos comprovem conhecimentos estranhos áquelles que magistralmente pretendem decidir.

Orgulhosas, como costumam ser as pessoas estranhas as sciencias, e cheias de amor proprio, não trépida em decidir *ex-cathedra* as questões mais alheias a seus poucos conhecimentos, não ligando a minima importancia ao parecer daquelles, que com suas luzes, poderiam guial-os na vereda do progresso e da civilisação, tornando-os uteis a si e a seu paiz.

Por mais de uma vez, temos fallado da má collocação dos nossos hospitaes e as desvantagens, para a humanidade, das pessimas localidades, em que estão edificados; resultando para as gerações futuras uma memoria comprobativa da nossa ignorancia em regras hygienicas, ou pouco apreço em negocios dessa ordem; tendo-se mais em vista interesses particulares, do que o restabelecimento de milhares de individuos, que annualmente buscam nesses edificios um lenitivo a seus padecimentos.

Semelhante a uma Babel, vê-se o paiz mergulhado em uma especie de cahos, onde as classes sociaes formando um complexo de controversia, jamais poderão aproveitar os efeitos beneficos de suas especialidades.

E' assim que de um para outro dia, myriades de aventureiros de todas as espheras sociaes, são convertidos em medicos; esses em eminentes politicos; negociantes inveterados na pratica mercantil transformados em diplomatas, julgando-se aptos a decidirem as mais importantes questões do Estado, sem que alguém queira celebrar-se na profissão para que tem encaminhado o seu espirito.

Se quizerdes conhecer o que acabamos

de expor, correi os jornaes, e lá vereis baharcheis em sciencias juridicas e sociaes, convertidos em medicos, annunciando especificos para debellar molestias de que nunca tiveram idéa senão no acto de forjarem taes annuncios; mais adiante vereis artigos politicos e religiosos, assignados por homens, cujas habilitações scientificas não excedem dos primeiros rudimentos da instrucção primaria; além encontrareis artistas convertidos em profundos philosophos; e assim por diante, sem que dessa metamorphose possamos colher a menor utilidade.

Concluiremos do que acabamos de expôr, que se os homens do nosso paiz, mais firmes nos seus principios, se contentassem em augmentar os seus conhecimentos profissionais, limitando-se ao circulo de seus conhecimentos, não encontraríamos em nossa sociedade tantas lacunas e arbitrariedades, filhas de um orgulho desmedido daquelles, que tendo de deliberar sobre qualquer sciencia, julgam-se aptos, para decidirem por si, embora sejam verdadeiros leigos da materia.

Não deviamos ser tão francos, em patentear essa ulcera cancerosa, que vai correndo a nossa sociedade, se não fossemos impellidos pelo indifferentismo e pouco apreço, que ligam os homens do poder, a uma das mais distinctas classes sociaes, como aquella a que temos a honra de pertencer, a ponto de mandarem edificar hospitaes, para diversas especialidades, sem ligarem a minima importancia á corporação medica, unica que devia ser ouvida, para semelhantes misteres; servindo essas poucas linhas, que vamos traçar, se não para esclarecer a materia, ao menos de um solemne protesto de que na actualidade houve uma voz que se atrevesse a impugnar a escolha da ilha do Nogueira, para edificação de um asylo de alienados.

II

Duas questões foram apresentadas pelo Sr. Dr. Inspector da Saude Publica, a alguns facultativos desta cidade, as quaes, apesar de não manifestarem claramente o fim para que foram enunciadas, contudo, podemos avaliar o seu alcance em vista dos boatos adrede espalhados, em que se procurava apregoar as grandes vantagens da ilha do Nogueira, para edificação de um asylo de alienados.

As questões foram as seguintes: e a que respondemos negativamente:

1.º Os banhos salgados são proveitosos no tratamento das diversas vesanias?

2.º A residencia proxima ao mar é prejudicial, ou vantajosa ao restabelecimento dos loucos?

Não sabemos se esse meio de conseguir a opinião de seus collegas, seria veto espontaneo do Sr. Dr. Inspector da Saude Publica, ou da presidencia, para por seu intermedio conhecer a opinião medica da provincia; julgando, em qualquer hypothese, mais conveniente a nomeação de uma commissão para dar um parecer esclarecido a tal respeito e que se fixasse a questão sobre o ponto determinado.

Em vista das observações que temos apresentado, torna-se bem manifesta a nossa opinião a respeito da ilha do Nogueira, para edificação de um asylo de alienados, e em seguida fallaremos das condições indispensaveis um edificio dessa ordem.

Se não nos devemos occupar com as condições architectonicas do edificio, não podemos nos furtar de chamar a attenção do encarregado da sua edificação para a necessidade de ter elle um aspecto agradável á primeira impressão dos doentes, constituindo isso, segundo a opinião dos mais distinctos alienistas, o primeiro passo para seu restabelecimento.

Despido de dispendiosa architectura, com a solidez precisa a um estabelecimento dessa ordem, longe de nos apresentar o aspecto de cadeia ou de uma fabrica, deve apresentar a fórma de uma casa de morada, rodeada de jardins e alamedas, onde seus infelizes hospedes possam encontrar um meio de suavisar os caprichosos devaneios de sua imaginação.

Seríamos por demais prolixos, se pretendessemos entrar detalhadamente nas considerações indispensaveis a um edificio de tão gigantescas porporções, como o que se pretende construir.

Chamamos a attenção do encarregado da sua edificação para o que ha escripto a esse respeito pelos psychologistas modernos, não nos sendo possivel passar desapercibido um luminoso artigo do nosso distincto collega o Sr. Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho, publicado na *Gazeta Medica da Bahia*, e que esclarece bastante esse ponto.

Parece, á primeira vista, aos homens es-

tranhos á sciencia medica, que as habilitações concernentes ao curso de engenharia satisfazem aos conhecimentos indispensaveis para edificações dessa ordem; porém, quando lembrarem-se, que, para sua construcção, é preciso ter-se em vista as condições climatericas, classe e natureza das molestias, commodos especiaes á therapeutica empregada, e outras condições mais; deverão comprehender, que só debaixo das vistas de um habil especialista poderá elle satisfazer as exigencias prescriptas pela sciencia, e prestar o edificio as vantagens de uma boa construcção.

Antigamente, quando a humanidade existia suplantada nas trevas da ignorancia, os loucos, tratados como feras, eram considerados como prejudiciaes á sociedade; depois, quando os primeiros raios da sciencia, principiaram a arrancar-nos do barbarismo em que existiamos, foram esses infelizes livres do exterminio a que estavam condemnados, para representarem o cargo de prophetas, ou, servindo de escarneo, desempenharem o ridiculo papel de bôhos nos palacios das grandes potestades da epoca; mais adiante, na idade media, a igreja, esquecendo os divinos preceitos da sã philosophia, a pretexto de feitiçeiros, ou dominados pelo espirito maligno, remontando á epoca primitiva, os mandava para as fogueiras, ou encarcerando-os em asquerosas masmorras, faziam-os exhalar o ultimo suspiro, torturados de misérias, e muitas vezes em completa abstinencia.

Somente quando os principios da liberdade, de envolta com os conhecimentos scientificos, foram fazendo despertar o verdadeiro amor ao proximo, foi que a sociedade, envergonhada de si propria, procurou melhorar a sorte desses infelizes, tratando de estudar a causa dessa aberração intellectual e classifica-la como phenomeno pathologico.

Depois de tanta crueldade para com uma classe, que hoje desperta a mais sympathica compaixão, appareceu o seculo XIX, radiante de luz e de sciencia, para mudar a sorte desses infelizes, procurando por todos os meios brandos e caritativos, reverter ao gremio social aquelles que teem o infortunio de perder o uso da razão; edificando immensos palacios, para nelles serem asylados; occupando a attenção dos mais habéis medicos, em descobrirem os meios de de-

bellar as causas de tão triste padecimento.

Antes deste seculo, já alguns medicos procuraram dizer alguma cousa sobre a alienação mental; porém, seus escriptos, apesar de muito importantes, ficaram supplantados com as idéas apresentadas por Pinel, que veio immortalisar o seu nome, com a publicação de um escripto sobre a psychologia, destruindo tudo que até então se dizia a tal respeito; seguindo-se a elle o venerável Esquirol, que, depois de quarenta annos de profundos estudos, apresentou ao mundo um trabalho capaz de immortalisar o seu nome, e dando um golpe fatal na pathologia psychologica, provou com evidencia a efflicacia do tratamento moral, para combater as mais difficeis especies de loucura.

Desde então, a sorte desses infelizes foi modificada, os hospitaes principiaram a recebê-los, e a cuidar do seu tratamento; a antiga therapeutica, tão improficua, como irracional, foi sendo substituida pelos meios brandos e moraes; os seus alojamentos, em vez de immundos calabouços fechados com grades de ferro, foram substituidos por vastas e acciadas enfermarias. Esses individuos, que nada podiam prestar á sociedade, foram sendo aproveitados, pelo trabalho apropriado a suas forças e condições, tornando-se esse meio o mais salutar para debellar seus padecimentos.

Combatido o empirismo e reconhecendo-se que os medicamentos internos eram uma causa de irritação dos nervos do apparelho digestivo e que debaixo da influencia do estado spasmodico, proprio da alteração de todo o systema nervoso, são modificados e sem effeito, foi abraçada a luminosa idéa do venerando reformador da pathologia mental.

Coube finalmente a gloria ao distincto psychologista inglez Gardin Hill, de, em 1838, pôr em pratica em seu paiz, as theorias de Esquirol, a que denominou de *no restraint*, empregando-a no asylo de Licoln.

As vantagens pelos meios moraes foram de tal sorte reconhecidas, que, no sêguente anno, foi adoptado como methodo de tratamento por Conolly, e posto em execução em Hawnel, e acha-se hoje espalhado em França e em todos os paizes civilisados, tendo produzido effeitos admiraveis entre nós, no hospicio Pedro II, do Rio de Janeiro.

Como já fizemos vêr, muitos foram os systemas empregados no tratamento da loucura, e a não ser alguns laxativos brandos, e

outros ligeiros medicamentos, proprios a debellar qualquer complicação, que se apresenta, todos os outros tem sido banidos, a não serem os banhos mornos. ainda hoje empregados com grandes vantagens, em quasi todos os estabelecimentos de loucos.

Considerando ainda alguns homens da sciencia do grande utilidade as differentes espécies de banhos, no tratamento da alienação mental, vamos apresentar algumas idéas, sobre o papel pouco importante, que representam na pathologica psychologia, e ao mesmo tempo fallando dos banhos de mar, dar as razões, que nos levaram a responder negativamente á primeira questão do digno Sr. Dr. Inspector da Saude Publica.

(Continúa).

O ESGOTO, A LIMPEZA E O ABASTECIMENTO DAS AGUAS
EM LISBOA O QUE FORAM OU SÃO E O QUE
DEVEM SER.

Pelo Dr. Bernardino Antonio Gomes

(Continuação do n. 164)

Do abastecimento das aguas

As questões da limpeza e do esgoto são materia tão ligada á do abastecimento das aguas, que não é possível considerar uma sem ter de attender muito a outra. E' pois este abastecimento tanto parte do assumpto que nos occupa, que não pôde elle deixar de nos merecer a attenção que lhe destinamos no presente capitulo.

Na fundação das cidades a existencia d'aguas nativas, em copia maior ou menor, devia ter sempre influido na escolha do local em torno do qual se foram agrupando as habitações que vieram a constituir-as para Lisboa um manancial abundante, como é o das aguas orientaes, não foi sem duvida para esta escolha motivo menor, do que seria a posição defensavel que lhe asseguravam as eminencias sobre que assentou a primitiva cidade, ou do que seria a existencia do magnifico porto, que a fadava para capital de um povo de navegadores. Concentrou-se por isso a cidade durante muito tempo no chamado hoje bairro oriental, e até ao principio do seculo anterior ao nosso não teve Lisboa quasi outro meio de abastecimento, senão o que provinha d'essas aguas ou era fornecido pelas aguas de infiltração do terreno adjacente pelos poços. Com o augmento porém da população, e pelas necessidades sempre crescentes da civilização, esse abastecimento foi sendo

cada vez mais insufficiente, e como geralmente tem succedido nas grandes cidades, chegou a época, em que foi forçoso recorrer a novos mananciaes, e ir em pesquisa d'elles n'uma área de terreno cada vez mais dilatada em volta da cidade. Datam as primeiras diligencias para este fim do reinado de D. Manoel, mas os arbitrios suggeridos só começaram a ter séria realisação no seculo passado com a criação do aqueducto construido por D. João v, obra providente e monumental, que não deixou, porém de fazer sentir depois, e muito, a precisão de abastecimento maior do que o alcançado por aquelle meio.

Objecto, como este foi, de muitos e successivos estudos, tem sido elle tambem largamente historiado, para que precisemos nós a este respeito alongar-nos. Cabe-nos, porém, do que é sabido aproveitar quanto basta para apreciar quaes são as necessidades que resta satisfazer n'esta parte tão importante da hygiene e policia da cidade de Lisboa.

Quanto se fez e alcançou para este maior abastecimento d'aguas até ao termo das obras de D. João v. consta circumstanciadamente do *Mappa de Portugal* do P. João Baptista de Castro, e da *Memoria sobre chafarizes, bicas, fontes e poços publicos de Lisboa*, de João Sergio Velloso d'Andrade; segue-se depois uma serie de novos estudos, de planos, e de obras mesmo executadas, da iniciativa da municipalidade uns, e da do governo outros, os quaes trabalhos são mais particularmente dos ultimos quinze a vinte annos, e honram a nossa época, havendo-se conseguido por elles ter já alcançado tanta e mais agua, do que a obtida por todas as diligencias anteriores, e fazendo-nos além d'isso esses trabalhos esperar o virmos a alcançar quanto satisfaça n'esta parte o presente e o futuro da cidade. Empenharam-se n'estes estudos e trabalhos os nossos melhores engenheiros, os Srs. Filippe Folque, Aguiar, Victorino Damasio, Candido da Costa, e Pizarat, o distincto engenheiro do departamento do Sena, Mr. Mary, convidado a vir a Lisboa e consultado pela primeira companhia das aguas; foram ouvidos no assumpto professores, como os Drs. Costa e Pimentel; e muito se deve sobre elle aos trabalhos e escriptos do Sr. Carlos Ribeiro. As duas memorias em que os publicou o distincto geologo portuguez uma pela Academia, outra pela Commissão Geologica, a que pertence, dão inteira noticia de tudo que respeita á questão: completo estudo geologico e hydrologico do

terreno, noticia historica e juizo critico de quanto se tem realisado e tentado fazer no paiz na questão do abastecimento d'agdas, ressenha do que a este respeito merece ser conhecido e offerecem para exemplo as grandes cidades na Europa e na America, e por fim o melhor conselho quanto ao futuro e mais completo abastecimento de Lisboa, tudo é ali tratado de modo, o mais detido e proprio a elucidar o objecto. Muito nos aproveitou pois tão completo trabalho para o que temos a expôr e deve servir a fixar o nosso juizo na materia sujeita. (1)

A cidade de Lisboa assenta sobre todas as desigualdades de um grupo de colinas, que o Sr. Carlos Ribeiro nos indica prolongando-se para o norte, n'uma extensão de 1,5 a 3 kilometros, attingindo 100 a 200 metros de altitude sobre o nivel do mar, descaindo depois mais ou menos rapidamente para uma depressão que forma em parte o valle de Alcantara, e cerca a cidade na sua maior extensão. Para além d'esta depressão todo o terreno adjacente torna a subir a diversas alturas, e estendendo-se pelos quadrantes de noroeste e nordeste, é dividido, pelo valle que vae de Carnide a Loures, em dois massiços de desigual fôrma e grandeza, um oriental, outro occidental, que temos a considerar.

O massiço oriental, limitado pelo Tejo, pela ribeira que desce de Friellas a Sacavem, pelo vale de Alcantara, e o de Odivellas que vae de Carnide a Loures, comprehende o assento de toda a cidade, e nos arrabaldes d'esta, Carnide e Lumiar, alongando-se ahi pela Porcalhota, Bemfica, Palhavã e Poço do Bispo. Tendo 15,5 kilometros de extensão no sentido de extensão no sentido de S. O a NNE e 6 na direcção cruzada, levanta-se a superficie d'este massiço de SE para NO desde 20m de altura

(1) Vide: *Reconhecimento geologico e hydrologico dos terrenos das vizinhanças de Lisboa, com relação ao abastecimento das aguas d'esta cidade.* Memoria da R. A. das S. de L., das Sciencias Phys., Math. e Nat., nova serie, t. 2.º, part. 1.ª, 1857. Por Carlos Ribeiro.

Memoria sobre o abastecimento de Lisboa com aguas de nascentes e de rios. Pelo mesmo auctor.

Vejam-se alem d'isso:

As representações e os relatorios da Camara Municipal sobre este assumpto, publicados nos seus *Annues*, especialmente depois de 1853.

As publicações em especial do engenheiro da Camara, o Sr. Pizarat, sobre as aguas orientaes, e sobre as reservas por elle projectadas no sitio da Quinta, ao pé de Bellas.

Os relatorios annuaes das duas companhias das aguas, especialmente os de 1868, 1869.

na escarpa sobre o Tejo, até attingir a de 100m e 150m sobre a aresta superior da escarpa, que limita por NO o referido massiço e fôrma a vertente oriental que vae ao valle de Odivellas. No mesmo massiço corre o valle de Chellas e correm outros, parallelos todos ao Tejo cruzando por isso na direcção com a linha de inclinação do terreno; e elevam-se collinas, como as de Boa Vista e Ameixieira, que attingem a altitude de 160m a 162m.

Para oestê do valle de Alcantara, e ao norte do de Odivellas, prolonga-se o massiço oriental até chegar á linha de costa, limitado ainda de um lado por toda a margem do Tejo até Alcantara, e do outro pela serra de Cintra, continuando por uma serie de collinas que o ligam pelo norte e lado oeste ao massiço oriental. O que se torna porém importante de assignalar, é a linha d'aguas que se estende por todas as cumiadas d'esta serra e collinas, e n'ellas separa as bacias hydrographicas, que podem ser aproveitadas mais ou menos para o abastecimento de Lisboa. Esta linha começa nos pontos culminantes da serra de Cintra, nas alturas, de 300m e 500m, desce depois á de 183m no Algueirão, levanta de novo nos altos da Piedade e da Tapada junto ao Sabugo com a altitude de 323m, no sitio de D Maria e Caneças com a de 290m e 231m, e chega por fim ás eminencias da Abadeja e Villa Chã, prolongando-se pelas Falagueiras, proximo á Porcalhota, até Carnide, ligando assim os dois massiços. N'esta ultima parte do seu trajecto ainda a linha d'aguas attinge 288m e 150 de altitude, dominando por consequente na maior parte da sua extensão as maiores alturas do massiço oriental, e mais ainda as de Lisboa.

As bacias hydrographicas, que esta linha d'aguas separa, são de um lado a da ribeira d'Alcantara e a da ribeira de Loures e Odivellas, por outro as de Carenque e Queluz, Laveiras e Valle de Lobos, Oeiras, Manique e Cascaes. O massiço tem de este a oeste 28 kilometros de extensão, e 13 de sul e norte, elevando-se das margens do Tejo para norte em rampa de 8m,025, conforme tudo ás indicações da carta chorographica da Commissão Geologica e o mappa descriptivo, que vem junto a uma das memorias do Sr. Carlos Ribeiro. Vê-se pois da descripção feita como, não só a linha d'estas bacias aquiferas, dominam as maiores alturas de Lisboa, podendo em consequencia estas aguas ser ali conduzidas, como o foram todas as que deram entrada nos aqueductos.

O conhecimento da orographia ou do relevo do terreno, e o da structura geologica das camadas que o formam, dão os elementos para avaliar de modo seguro a riqueza hydrologica de uma região, assim como o modo mais conveniente de explorar esta riqueza. Possuindo, como hoje possuímos, este conhecimento de modo bastante completo, em virtude dos trabalhos geodesicos e geologicos que foram apontados, nada nos impede pois de ter a apreciação certa de tudo que já podemos haver e ha ainda a esperar das bacias aquiferas dos dois massiços de terreno, oriental e occidental, em relação ao abastecimento de Lisboa. É o que tem sido feito nas obras citadas de modo a nada mais desejar no assumpto, e o que passamos a ponderar.

Começando pelas aguas orientaes de Lisboa, é certo terem estas aguas a sua origem no proprio massiço de terreno, na base do qual as aproveitamos. É este massiço formado, na maior parte, de camadas numerosas, constituidas de variado modo por arêas, marnes, argilas, calcareo mais ou menos grosseiro, e conglomerados, pertencente tudo a mais de uma das formações terciarias, que do outro lado do Tejo se tornam tão apparentes nas camadas ditas d'Almada, estendendo-se d'esse lado estas formações geologicas em larga área; e que na margem norte do rio occupam ao longo d'elle muito menos extensa facha de terreno, a qual se vê terminar por Alhandra. Na sobreposição d'estas camadas é para nós digno de nota, como as separa todas, em dois andares distinctos, uma espessa camada argilosa, a qual na parte baixa da cidade appareça quasi denuddada, e vemos prolongar-se pelo littoral entre os niveis da maré alta e da baixamar. Esta camada argilosa, pela sua impermeabilidade, exerce uma influencia especial nas condições hydrologicas, assim como a tem de certo nas hygienicas e outras da cidade, influencia que haverá para nós mais de uma vez occasião de assignalar. É sobre essa camada que se estende o lençol aquifero, que alimenta os numerosos poços da cidade baixa, os do valle de Chelias e mais terreno das visinhanças de Lisboa; e o que por ali apparece, furando em qualquer parte a superficie do solo. É ao nivel da mesma camada que vemos surgirem as numerosas fontes do bairro oriental, as quaes são patentes entre a baixa e a alta maré por extensão grande do littoral. Se o lençol aquifero é porém o resultado das aguas infiltradas nas camadas superiores, e retidas pela impermeabilidade da

camada argilosa, não pôde dizer-se o mesmo das nascentes que se mostram ao mesmo nivel. Estas podem até proceder, e procedem, de camadas aquiferas diversas, como o attestam as qualidades que as distinguem e a temperatura differente que manifestam, indicio da profundidade variavel d'onde surgem. São não obstante estas aguas o resultado da absorção operada pelas topos levantados e descobertos das camadas terciarias do massiço, filtrando através de todas ellas, accumulando-se depois nas fendas que encontram, e ahi subindo até ao nivel d'onde primeiro desceram, se antes não acham sitio por onde se derramem, formando nascente.

BIBLIOGRAPHIA

FORMULARIO OU GUIA MEDICA

Pelo Dr. P. L. N. Chernoviz

9.^a Edição, 1874.

Muito nos apraz noticiar aos leitores da *Gazeta Medica da Bahia* o apparecimento da 9.^a edição do *Formulario ou Guia medica* do Sr. Dr. P. L. N. Chernoviz, publicada em Pariz no corrente anno de 1874.

Este importante Formulario, já tão cophecido e popularisado no Brazil, tornou-se agora um dos livros mais completos n'este genero, em razão dos accrescimos e aperfeiçoamentos que n'esta nova edição lhe foram dados.

Com effeito ella encerra não só todas as formulas do novo *Codex* ou *Pharmacopéa* franceza, como tambem a descripção por extenso de todos os medicamentos officinaes consignados no mesmo *Codex*, que por lei tambem é admittido como *Pharmacopéa* do nosso Paiz. Segue-se, pois, que nas Pharmacias do Brazil é de toda a conveniencia possuir-se o Formulario do Dr. Chernoviz, tanto mais, quanto sendo publicado na lingua vernacula, evita os equivocos que por vêzes acarreta a traducção do momento, sempre feita ás pressas.

Nas formulas são as doses medicamentosas determinadas pelos pesos decimaes; ao passo que nos medicamentos simplices o são ao mesmo tempo pelos decimaes e pelos pesos antigos. N'este ponto satisfaz o Sr. Dr. Chernoviz uma verdadeira necessidade; pois que são os pesos decimaes os que na actualidade estão por lei admittidos no Brazil.

A forma de dicionario que no Brazil tem

sido dada aos artigos principaes dos Formulários; me parece a mais vantajosa; pois que presta-se com maior facilidade a qualquer consulta, e permite que todas as fórmulas e formulas de um medicamento possam ser consignadas logo depois da descripção d'elle. Si o Formulário é disposto de accordo com qualquer classificação, já não se obtém essa utilidade: em tal caso para ser de um modo completo estudada qualquer substancia medicamentosa seria preciso procurá-la em diversas partes do mesmo livro, pois que segundo as preparações ou combinações pôde uma mesma substancia pertencer a classes diversas.

Não digo que se olvide o estudo de taes classificações; mas julgo preferivel que seja feito em artigo separado, como fez o Sr. Dr. Chernoviz desde as primeiras edições do seu Formulário ou Guia médica, e também o Sr. Dr. T. H. Langgaard nas duas edições já havidas do seu novo Formulário medico e Pharmaceutico.

Os addicionamentos importantes que se notam em a 9.^a edição do Formulário do Sr. Dr. Chernoviz, principalmente nos dous Capitulos ou artigos intitulados *Formulário e Memorial therapeutico*, são consideraveis. Basta dizer que, apezar da linguagem concisa que, sem prejudicar á clareza do estylo, é empregada pelo auctor, contém o livro 1252 páginas; ao passo que a 8.^a edição, que já era muito accrescentada, continha apenas 960 páginas.

Acceite, pois, o Sr. Dr. Chernoviz nossos profusas por haver tornado ainda mais util e recommendado um livro que já tão proveitoso era.

Passarei agora a accrescentar algumas palavras que de nenhuma sorte prejudicam o merecimento da obra.

Quando na *Gazeta Medica* de 30 de Abril de 1868 esbocei em ligeiros traços os meritos da 8.^a edição d'este mesmo Formulário, e da 1.^a edição do do Sr. Dr. Langgaard, addicionei algumas considerações, criticas que folgo de ver, não foram levadas a mal por tão distinctos Collegas: pelo contrario, algumas foram benevolmente acceitas nas edições que um e outro depois deram daquelles Formulários.

Esta circumstancia anima-me a repetir, e a ampliar ainda mais, algumas das idéas que então appresentei.

Parece-me que um Formulário revestir-se-hia de fórmulas, por assim dizer, mais scientificas, si no começo de cada paragrapho das substancias pertencentes ao dominio da Chimica trouxesse a formula chimica da substancia

e o numero que representa o equivalente chimico respectivo: assim a epigrapha—Alcool,—por exemplo, seria accrescentada do modo seguinte:

Alcool $C^4 H^6 O^2 = 46$.

A do nitrato de prata seria:

Nitrato de prata $Ag O Az O^5 = 180$, etc.

A frequente inspecção de taes formulas e algarismos, que tão pouco espaço occupam, proporcionaria recordações uteis relativamente ao estudo da Chimica, tão difficil, quanto necessario ao medico e ao pharmaceutico.

O exemplo de serem taes substancias seguidas de suas formulas chimicas respectivas já se encontra nos melhores formularios ultimamente publicados na Europa, taes como o de O. Reveil e o do Sr. J. Jeannel: é evidente que igual utilidade haveria em serem ellas igualmente acompanhadas dos equivalentes chimicos.

Uma e outra d'estas idéas já foi adoptada pelo Sr. Dr. Langgaard na 2.^a edição do seu referido Formulário, da qual dei noticia na *Gazeta Medica da Bahia* de 15 de Maio de 1872.

Eu desejára, em proveito das sciencias no Brazil, vê-las igualmente adoptadas pelo Sr. Dr. Chernoviz, que tão bons serviços ha prestado á nossa litteratura medica por meio de suas excellentes publicações.

E direi ainda mais que, em relação á Phisica, seria também de summa vantagem consignarem-se nos Formulários: 1.^o a densidade dos solidos, dos liquidos e dos gazes; 2.^o o ponto de fusão dos corpos solidos; 3.^o a solubibilidade de diversas substancias n'agua fria e em ebullicão.

Taes declarações poderiam ser feitas, quer em quadros especiaes no artigo das *Noções preliminares*, quer nas descripções das substancias respectivamente.

Quanto ás plantas medicinaes, devo dizer que depois do nome scientifico, que exprime o genero e a especie vegetal, conforme a nomenclatura creada pelo sabio Linneu, sancionada na Botanica e imitada por outras sciencias, conviria que houvesse também a declaração da classe e da ordem, a que a planta pertence no Systema de classificação do mesmo Linneu. As duas palavras, que para tal fim se empregam, exprimem por si sós importantes caracteres botanicos, a que logo se associam outros, que seria de maxima vantagem trazer sempre recordados em sciencia tão difficil, quanto necessaria. Depois de tal declaração seguir-se-hia então o nome da familia segundo o methodo natural de Jussieu.

O que deixo dicto não é uma censura ao trabalho do Sr. Dr. Chernoviz, para o qual só tenho louvores. É uma simples manifestação do meu modo de pensar no intuito de facilitar entre nós a cultura e o desenvolvimento das sciencias.

Os homens que hão empregado todas as suas faculdades, que hão despendido todas as forças da sua existencia no trabalho improbo, e por vêzes mal appreciado, de excavar o terreno escabroso das sciencias, não poderão receber sinão com applauso um livro de verdadeiro merito, como é a 9.^a edição do Forinulario do Sr. Dr. Chernoviz.

Bahia 15 de Junho de 1874.

Dr. A. M. do Bomfim.

ENSINO SUPERIOR

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 20 DE MAIO DE 1874 POR OCCASIÃO DE DISCUTIR-SE O PROJECTO QUE MANDA CONTAR A ANTIGUIDADE DOS OPPOSITORES DAS FACULDADES DE MEDICINA.

O Sr. Teixeira da Rocha.—Sr. presidente, eu podia talvez dispensar-me de tomar parte nesta discussão, e talvez mesmo não o devesse fazer agora, porque, ainda pouco conhecedor das disposições do regimento, não sei bem se estarei fóra da ordem, fallando em favor de um projecto que não foi contrariado por ninguém; porquanto o nobre deputado que me precedeu não o impugnou, limitou-se a apresentar algumas considerações e a lembrar ao governo a necessidade de trazer quanto antes ao parlamento a proposta de reforma do ensino superior, no que eu acompanho a S. Ex.; nutrimo a esperança de que o nobre ministro do imperio nos dará, em ocasião opportuna e proxima, o projecto dessa importantissima reforma, que é reclamada com urgencia pelo paiz. Entretanto, com o fim unico de esclarecer o juizo da camara, vou adduzir breves razões em justificação da medida que se discute. Sr. presidente, a causa consignada neste projecto é de sua natureza tão justa, que por si mesmo se recommenda, e não carece de longas defezas, nem tão pouco de advogados habéis.

O Sr. Cardoso Junior.—Nem o projecto tem contradictores.

O Sr. Teixeira da Rocha.—Não obstante, nada se perde em tornar patentes a sua utilidade e conveniencia.

O Sr. Cardoso Junior.—Apoiado.

O Sr. Teixeira da Rocha.—Basta, Sr. presidente, lembrar um princio de direito e de jurisprudencia universal; principio para o qual apello, apezar de ser leigo em materias juridicas, e de que me soccorro, porque elle é de simples intuição. É principio geral e inconcusso que a todo o dever está necessariamente unido e ligado um direito, e que este direito deve ser co-relativo á natureza do dever. Assim, pois, aquelles que desempenham deveres pesados, como são os do magisterio superior, tem direito a fruções que lhes correspondam, e muito mais do que as que se acham em condições oppostas.

As faculdades de medicina tinham duas classes de professores; isto é, a dos lentos cathedricos e a dos substitutos. Em 1854 o governo, com autorisação do corpo legislativo, reformou estas instituições docentes; e pelo decreto n. 1,387 de 28 de Abril daquelle anno acabou com a classe dos substitutos creando a de oppositores, as quaes ficaram sendo e são os verdadeiros substitutos dos cathedricos.

Pesam sobre elles os mesmos deveres, desempenham as mesmas obrigações, fazem o mesmo serviço que incumbia aos antigos substitutos: como estes, os actuaes oppositores chegam ao magisterio, pleiteando os seus lugares em concursos difficilissimos, mediante a exhibição de provas de capacidade magistral nas muitas e variadas materias das tres secções, em que se acham devididas as sciencias medicas, para cada uma das quaes não é de sobra, nem mesmo é sufficiente o tempo da vida inteira de um homem, exclusivamente votada ao seu cultivo. As provas exigidas e dadas pelos oppositores são em tudo iguaes ás que prestavam os substitutos, sem a mais pequena differença nos concursos.

Ora, ex-vi daquelle principio, que, como disse e está se vendó, é intuitivo, cabem por justiça rigorosa aos oppositores direito igual e as mesmas vantagens, que tinham os substitutos. Estes funcionarios, Sr. presidente, contavam antiguidade desde o dia, em que tomavam posse dos lugares, embora não estivessem sempre em serviço effectivo, quer na lição das cadeiras, para as quaes só eram chamados no impedimento dos proprietarios, quer em outros trabalhos da escola. Isto mesmo tem lugar actualmente com os substitutos das faculdades de direito.

A vista desta simples argumentação, logicamente se conclue, que não por favor, que não

por equidade, senão que por justiça absoluta deve ser convertida em lei a disposição deste projecto, que a deveres iguaes concede direitos também iguaes, mandando contar a antiguidade dos oppositores do mesmo modo, porque se contava a dos substitutos. (*Apoiados*). Militão ainda, Sr. presidente, em favor do projecto razões de justiça relativa: oppositores de outras escolas, e até mesmo professores de cathedra menos elevada do que estes, sem exceptuar os proprios repetidores, contam antiguidade desde o dia do exercicio.

Não ha, pois, razão, em que assente essa desigualdade, que é de palpavel injustiça, e que terá de desaparecer com a medida contida no projecto, o qual consagra um principio de justiça absoluta, e de justiça relativa. (*Apoiados*). O projecto, Sr. presidente não tende unicamente a resguardar direitos individuaes, ou de uma classe do magisterio: elle tem muito maior alcance, entende de um modo poderoso com o interesse no ensino superior.

Até pouco tempo dava-se o facto doloroso de uma especie de deserção dos concursos, principalmente na faculdade de medicina do Rio de Janeiro: houve época em que estiveram abertas as inscrições por tres vezes consecutivas durante 18 longos mezes, sem que se apresentasse nem um só candidato aos lugares de oppositores.

Eu, presenciando com verdadeira afflicção esse abandono, essa especie de desprezo dos pleitos scientificos, e não podendo convencer-me de que isso dependesse de desamor, por parte das sciencias, dos nossos jovens patricios, que aliás tanto se tem distinguido nas lides da intelligencia, achei por ultimo a causa do contristador acontecimento na falta de vantagens, na ausencia de garantias, que são sempre o estimulo para os grandes commettimentos. É de um trabalho insano, trabalho quasi de matar, preparar-se alguém para fazer provas publicas em concurso, que versa sobre grande numero de sciencias: e sem a esperança de uma recompensa condigna, que valesse a pena desse excessivo labor; poucos, muito poucos a elle se entregavam; e esses mesmos eram ou os que tinham sufficientes meios de subsistencia—que para muitos é a mais terrivel inimiga da sciencia—e podiam empregar-se só no estudo, ou os raros corajosos que a ella tudo sacrificavam.

Dahi a deserção dos concursos, dahi o entorpecimento das aspirações: e essas provas

singulares dadas pelo unico que vinha em demanda do nobre officio de mestre; dahi a triste necessidade em que se achavam collocados os lentes juizes, que não podiam escolher o melhor dentre os muitos habilitados que se apresentariam, se outras fossem as condições e as vantagens inherentes ao cargo. (*Apoiados*). D'ahi, finalmente, um grande detrimento, o atrazo das sciencias medicas em nosso paiz.

E na verdade, senhores, até o anno passado a posição dos oppositores era a mais dubia possivel: não tinham vencimentos fixos: recebiam uma pequena gratificação *pro labore* quando trabalhavam: não contavam antiguidade: achavam-se sem interesse no presente, e sem esperança definida no futuro: e por isso não admira, que raros se embarcassem em empreza tão ardua, como a dos concursos. Actualmente o mal não é tão grande como outrora; melhorou em parte a sorte dos oppositores com a lei do anno passado, que lhes assegurou um vencimento permanente, depois da qual têm sido esses lugares procurados por maior numero de pretendentes: porém é pouco ainda, remove-se uma causa, acabemos com a outra, demos aos oppositores a segurança futura, que lhes cabe de direito, e faremos um importante serviço ao ensino medico no paiz.

Ministrados estes esclarecimentos, Sr. presidente, a quem delles podesse precisar, não irei adiante; nem voltarei á tribuna, salvo se alguém impugnar o projecto. (*Muito bem.*)

NOTICIARIO

Ação do croton-chloral nas nevralgias.—O croton-chloral obtem-se quando se faz actuar o chloro sobre o aldehyde; não tem relação alguma com o oleo de croton.

É menos solúvel na agua que o chloral, cristalisa em pequenas laminas brilhantes.

A ingestão de 4 grammas em solução aquosa produz um sono profundo com anesthesia, mas persiste a tonicidade muscular, e não ha modificação na respiração nem na circulação.

Os estudos sobre esta substancia foram feitos assim como os primeiros sobre o chloral, por Liebreich, de Berlim. Este auctor viu o bom resultado da applicação do croton-chloral em casos de nevralgias faciaes.

Wickham Legg deu este medicamento a vinte doentes com nevralgias do trigemeo,

e obteve optimos resultados; só em dois a dôr continuou, nos mais o exito foi completo.

As dózes usadas foram 0,gr3,0,gr6 e 1,gr2, em solução aquosa.

Benson Baker administrou o mesmo medicamento em diversas nevralgias e tambem com bom resultado.

Leite de caoutchouc.—O leite e a dissolução de caoutchouc no chloroformio teem sido empregados como topico nas erupções cutaneas, queimaduras, erysipelas, etc.: com o que se fórma uma camada impermeavel aos liquidos e ao ar.

Pasta escarotica de Canquoin.—Muitas variações tem soffrido em suas formulas esta pasta, sem deixar plenamente satisfeitos os praticos, que a empregam. Prejudica-a a tendencia a embrandecer com a humidade, e a pouca uniformidade que se observa nos productos das diversas officinas.

Com effeito, as proporções de farinha, e de chlorureto de zinco são mui variaveis nas diferentes pharmacopéas. N'umas se mandam empregar para uma parte de chlorureto duas, tres, quatro, e até cinco partes de farinha, posto que, as mais das vezes a porção está em duas partes de farinha, e uma de chlorureto: mas n'estes ultimostempos os cirurgiões tinham preferido empregar a pasta de Canquoin de dozes iguaes de farinha, e chlorureto.

A pasta, cuja formula se lê em seguida, tem as vantagens de prestar-se a todas as maneiras como se queira usar, já para a pôr em forma de flechas, já para a recortar aos bordos da ulcera, a que se destine: como tambem á incomparavel qualidade de se conservar por mais de um anno, até mesmo sem grandes precauções.

Chlorureto de zinco 8 partes: oxydo de zinco 1: farinha secca a 100° (torrada) 7: agua 1. Mistura-se o oxydo com a farinha: dissolve-se a frio o chlorureto na agua, e logo se ajunta a este soluto aquella mixtura, trabalhando a pasta por uns dez minutos em um gral.

Para a empregar immediatamente ficaria demasiadamente branda nas proporções indicadas: porém ao fim de poucas horas endurece, e adquire uma consistencia, que conserva indifinidamente.

Pode-se guardar p'uma caixita cheia de pó d'amydo, e melhor ainda n'uma boceta fechada.

Tambem se pôde fazer endurecer instantaneamente, e dar-lhe uma consistencia forte substituindo na formula uma parte de farinha com outra de oxydo de zinco, e seis de farinha.

A propriedade de endurecer deve-se certamente á formação, em quantidade não pequena, de oxy chlorureto de zinco, que fixa em parte a agua empregada na preparação. Poderia suppôr-se que a reacção effectuada neste caso fosse capaz de destruir alguma cousa dos effeitos causticos da pasta: porém não ha receio de tal, attendendo a que o oxy-chlorureto formado tem por formula $Zn\ Cl\ (Zn\ O)\ 4\ HO$, e por tanto a quantidade de chlorureto arrebatada pelo oxydo é pouquissima, tendo provado a experiencia que não era necessario ajuntar mais chlorureto.

Longevidade.—Um caçador notavel, o Sr. Robert Silrey morreu em Jefferson, estado de New-York, na idade de cento e dez annos. Este homem tinha matado, durante a sua vida 2:200 viados, isento de doenças até ao dia em que morreu. No seu funeral foi acompanhado por muitos descendentes de oitenta a noventa annos.

Apparencia physica não da garantia contra a tísica pulmonar.—O famoso pugilista americano John Heenan, que dava 50:000 francos a quem o vencesse, morreu a pouco tempo New-York de tísica pulmonar.

FORMULARIO

Pilulas calmantes (Ricord).—

Extracto de belladona..... 30 centigr.
» de valerjana..... 4 gram.

Para fazer 30 pilulas, e tomar uma de manhã, tarde, e noite na cistite chronica, quando o enfermo não tolera o opio. Injecções na bexiga com decocto de malvas, e dormideiras.

Contra o lichen agrius.—

Calomelanos..... 1 gramma
Acido tannico..... 2 a 3 »
Oleo..... 30 »

Mixture-se. Unturas varias vezes ao dia, e banho alcalino ou de vapor.

GAZETA MEDICA DA BAHIA

ANNO VII.

BAHIA 30 DE JUNHO DE 1874.

N.º 166

SUMMARY

MEDICINA—Hygiene publica. O esgoto, a limpeza, e o abastecimento das aguas em Lisboa pelo Dr. Bernardino Antonio Gomes. O encalyptus globulus. Silicato de potassa ou vidro liquido pelo Dr. Chernoviz. **CORRESPONDENCIA**—Estado Sanitario e factos clinicos no Ceará pelo Dr. Melon da F. Alencar. **VARIE-**

DADE—Os gêmeos Seamezes. **NOTICIARIO**—Uma epidemia de syphilis. Cremação. Modo de conservar a madeira empregada nas grandes indústrias e nas estradas de ferro Conservação dos ovos. **FORMULARIO**—Injecção contra a blenorrhéa.

MEDICINA

HYGIENE PUBLICA

O ESGOTO, A LIMPEZA E O ABASTECIMENTO DAS AGUAS EM LISBOA O QUE FORAM OU SÃO E O QUE DEVEM SER.

Pelo Dr. Bernardino Antonio Gomes

(Continuação do n. 165)

A cidade assenta pela maior parte sobre estas formações terciarias; ha porém n'ella um limite que as extrema das formações secundarias, que ali começam descobertas para depois constituirem quasi na totalidade o massiço occidental. Este limite assignalado pelo geologo que primeiro estudou a região, Daniel Sharpe (2), existe ao longo da rua de S. Bento, aonde os edificios do lado occidental assentam já todos sobre a dita formação secundaria. É esta uma outra circumstancia de structura no solo da cidade, digna tambem de attenção, pela influencia que ha de exercer diversa nas condições hygienicas e outras das duas partes da cidade, e influencia que foi decidida nos effeitos do terremoto de 1755, experimentado de modo igualmente diverso em cada uma d'essas partes. Quando pelo Mappa de Portugal de João Baptista de Castro seguimos os estragos por toda a cidade, as duas partes extremam-se assim naturalmente; n'uma, a occidental, esses estragos foram quasi nulos, na outra os maiores, especialmente em toda a baixa da cidade, aonde o banco de argila era o unico apoio dos alicerces das casas. Ahi tudo aluiu. Na propria rua de S. Bento ainda hoje vemos de pé e incolumes os grandes edificios, que assentam no lado occidental da rua, como é o palacio das côrtes e antes convento benedictino. Influui para isso sem duvida a rigeza e solidez da ro-

cha que firma de um lado os alicerces das casas, e de outro a falta d'essa solidez; e influui talvez o proprio phenomeno cosmico, o qual operaria mais no seio das formações terciarias do que no das outras. Daniel Sharpe foi o primeiro que fez o reparo, e deu a presente explicação a respeito de um facto que antes havia sido menos bem interpretado. (3)

Além das aguas orientaes, as bacias hydrographicas a explorar para o abastecimento de Lisboa nos dois massiços, seriam as que foram indicadas, e vão de Cascaes a Sacavem. O que respecta porém as de Cascaes, Manique e Oeiras, ou é insignificante ou demasiado distante para ter verdadeira importancia. Estão quasi no mesmo caso as aguas de Cintra, que não sobejam na localidade, e que seria custoso

(2) A formação secundaria que constitue o segundo massiço, e appareceja no solo da cidade para o occidente da rua de S. Bento, consta de calcareos, argilas e marnes; os calcareos desde os mais brandos e argilosos, até aos de maior consistencia e marino-reos. Podem estes vêr-se na grande falha de Alcantara, de S. Julião a Cascaes, na estrada de Bucellas ao Tojal, do Cercal a Villa Franca, de Bucellas a Pero Pinheiro, e de Loures a bahia de Cascaes. A formação assenta sobre o grez de anterior origem e é sobre o calcareo hippuritico da mesma formação, que se fizeram as irrupções de basalto, cujos mantos lhe cobrem a superficie ao pé de Loures, por muita parte em roda de Lisboa; e é da decomposição d'este basalto que se formou em parte o terciario inferior, que veio depois, assim como provieram as terras escuras e ferruginosas, que abundam em torno de Lisboa. É do seio da mesma formação que surgiram tambem as rochas eruptivas de Cintra, levantando e inclinando-lhe ao mesmo tempo as camadas que a formam. D'estes e de muitos outros accidentes geologicos são a cada passo documento, nos arredores da cidade, as inclinações muito variadas das camadas sedimentares, as fendas, as falhas profundas que rasgam o terreno por toda a parte, e são observadas em direcções parallelas ou a estas cruzadas; e em geral o faz uma região toda ella muito accidentada, de cujos profundos abalos relativos a épocas geologicas mais afastadas, dão ainda testemunho aquelles a que hoje esta sendo ainda sujeita.

(2) Ou geology of neighbourhood of Lisbon. Trans. of Soc. of Geol. of London.

trazer a Lisboa. As bacias d'Odivellas e de Friellas ou Sácavem não são para isso mais favorecidas; as estimativas feitas indicam que não sobejam também ali as aguas, e que o trazer-as á cidade custaria o que, pela pouca quantidade d'estas aguas, não valeria a pena dispendir. A ribeira d'Alcantara, apesar da visinhança, nunca mereceu a este respeito attenção séria. Restavam pois as bacias hydrographicas de Valle de Lobos; e a de Queluz ou a bacia de Carenque. Estas mereceram sempre toda a attenção, pela extensão, maior que tem, pelas numerosas e copiosas nascentes, que essa extensão e a structura geologica do terreno lhes proporcionam, e pela altura, com relação ás de Lisboa, em que muitas d'estas nascentes existem, o que facilitou sempre a condução d'estas aguas a Lisboa. Foram por isso semelhantes aguas apetevidas pelos sequeiros de Lisboa, e para onde as vistas se dirigiram sempre, até que o dia chegou de entrarem em Lisboa á voz de D. João V.

A engenharia n'esse tempo ignorava ainda, na condução das aguas, o modo de vencer as desigualdades de nível pelo systema dos syphões, e por isso não havia para estas conduções outro meio, senão recorrer ás construcções romanas, aos grandes aqueductos. O das agoas livres, uma das primeiras obras d'este genero na Europa depois do periodo romano, custou 6:000 contos. Principiado em 1731, teve em 1751 o acabamento que bastou para começar a funcionar, a conclusão porém definitiva de todas as obras ainda só na regencia do Senhor D. Pedro II é que chegou a verificar-se. A canalisação tem ao todo 84;650 palmos de aqueducto e 47:713 de mina. Contam-se 117 arcos, dos quaes 37 são os que atravessam a ribeira d'Alcantara, medindo o maior 351 palmos d'altura. N'isto se comprehende o aqueducto de Carnaxide, que começou a ser construido em 1800, e foi concluido em 1851, custando 250 contos, que serviram a adquirir menos de 20 anneis d'agoa. O reservatorio das Amoreiras tem 490:348,8 palmos cubicos — e capacidade, que alojam pois umas 12:500 pipas d'agoa, como tudo consta das obras citadas de Velloso d'Andrade e João Baptista de Castro.

As aguas livres sustentavam em Lisboa 34 chafarizes com 85 bicas d'agoa sempre corrente, ás quaes acrescem a mais outras 188 que antes serviam só ás agoas orientaes. A administração das agoas livres, primeira nas mãos do senado e superintendida pelo governo, passou depois a ser gerida pelas juntas ou direc-

ções da nomeação d'este até voltar em 1835 ao município de Lisboa. Hoje está confiada á companhia das aguas.

As seguintes notas extraidas da obra de Velloso d'Andrade, servem a dar idéa da quantidade d'agua trazida pelos aqueductos a Lisboa. A primeira nota representa a média diaria d'estas aguas, medidas no meio e no fim do mez de agosto dos annos de 1822 a 1853, isto é, na estiagem de cada um dos annos; a segunda a totalidade das mesmas aguas, medidas no primeiro de cada mez dos annos de 1856 a 1858. É porém de advertir que de 1851 em diante o abastecimento das aguas livres achava-se já acrescido pelas obras de Carnaxide.

A medição das aguas livres, publicas e particulares, no mez de agosto e em numero d'anneis, deu o seguinte:

1822—50	1833—62	1844—43
1823—	1834—35	1845—
1824—43	1835—34	1846—73
1825—54	1836—47	1847—75
1826—51	1837—35	1848—52
1827—34	1838—69	1849—46
1828—54	1839—53	1850—
1829—76	1840—66	1851—56
1830—55	1841—69	1852—56
1831—82	1842—60	1853—105
1832—58	1843—84	

A mesma medição geral feita no principio de cada mez, produziu em numero d'anneis nos tres annos de 1856 a 1858:

	1856	1857	1858
Janeiro.....	823	172	233
Fevereiro...	673	272	192
Março.....	»	272	192
Abril.....	»	332	315
Maió.....	»	217	192
Junho.....	273	195	102
Julho.....	192	124	65
Agosto.....	130	83	72
Setembro....	93	67	60
Outubro.....	77	59	55
Novembro...	»	»	»
Dezembro...	65	548	708

Do exame e comparação das duas notas resulta em primeiro logar, que o abastecimento obtido pelo aqueducto das aguas livres varia muito com os annos, e mais ainda com os mezes de cada anno, o que se liga á propria irregularidade das chuvas, de que essas aguas procedem; em segundo logar se vê, que um tal abasteci-

mento copioso como é em mezes de inverno e na primavera, escaceia na estiagem a ponto de chegar a ter dado apenas 34 anneis d'agua por dia, ou 56 depois das obras de Carnaxide, isto nos mezes de verão e quando a cidade mais motivos tem de precisar agua. O abastecimento alcançado pelas aguas orientaes, era reputado nas mesmas épocas de 18 a 22 anneis, o que junto ás menores cifras da nota anterior, faz 74 a 78 anneis d'agua; isto é, Lisboa não tinha por dia, nos mezes de maior estiagem mais do que 1850 a 1950 metros cubicos ou 1.850:000 a 1.950:000 litros d'agua corrente, o que faz apenas 9 a 10 litros por individuo, suppondo a população abastecida de 200:000 habitantes. O pensamento pois de augmentar o abastecimento continuou sempre, as diligencias contudo para o conseguir datam mais especialmente de 1847.

Tem lembrado: explorar melhor as bacias aquiferas de Bellas e Valle de Lobos, trazendo ao aqueducto aguas d'essa procedencia, ainda não aproveitadas; levantar as aguas do rio d'Alcantara e utilisal-as para o abastecimento; aproveitar melhor as do bairro oriental; formar grandes conservas na cidade e fóra d'ella, nas quaes se recolhessem as sobras do inverno para servirem no estio, e a este respeito assignala-se o projecto do engenheiro Pesarat, que traçou para isso a conserva da Quintã ao pé de Bellas. De todos estes planos e diligencias resultou, depois das obras de Carnaxide, a do aqueducto da Matta, executada pela primeira companhia das aguas, e o levantamento das aguas orientaes, operado pela segunda.

O aqueducto da Matta tem 8 kilometros de comprimento, traz as aguas das copiosas nascentes que existem na margem esquerda da ribeira do Valle de Lobos junto ao sitio de que recebeu o nome, e entronca no aqueducto geral a uns 2 kilometros a nordeste de Bellas. As aguas adquiridas por este modo, foram tantas, que igualaram quasi as que, antes das obras de Carnaxide, corriam no aqueducto geral.

Outro aproveitamento importante foi o das aguas orientaes, que em boa parte iam inutilisadas para o Tejo. O pensamento de aproveitar estas aguas é antigo; coube porém á actual companhia das aguas o realisal-o. O engenheiro Aguiar foi encarregado dos estudos, e quem levou a effeito a parte principal da obra. Este engenheiro avaliou a quantidade em 24 horas das aguas orientaes do seguinte modo:

Chafariz do Rei

Maré cheia.	16 anneis	6½ pennas	448:683	litros
• vazia	14	• 6	•	397:683
Média.....	15	» 6	»	422:892

Chafariz de dentro

Maré cheia.	3 anneis	6½ pennas	157,041	litros
• vazia	4	• 6½	•	129,314
Média.....	5	• 2½	»	143,137

Chafariz da praia

Maré cheia.	6 anneis	2 pennas	167,589	•
• vazia	5	• 7	•	157,766
Média.....	6	• 1½	•	162,677

Tanque das Lavadeiras

Maré vazia e m	64 anneis e 2 pennas	1.728,039	•
----------------	----------------------	-----------	---

O que não se aproveita e corria ao Tejo foi orçado em 65 anneis, quasi tanto como o que era fornecido na estiagem pelo grande aqueducto, avaliado então em 96 anneis e 7 pennas d'agua. Para obter este aproveitamento construiu-se um reservatorio ao chafariz da Praia, outro á Veronica com 69 metros acima do nivel do mar e permittindo a distribuição em toda a zona da cidade, que tenha até 49 metros da mesma elevação. O reservatorio da Praia recebe por meio de uma canalisação de tubos de gréz os sobejos dos quatro chafarizes, d'ahi a agua é levantada por bombas a vapor até ser levada ao reservatorio da Veronica, a qual aloja 2.207:820 litros d'agua. A distribuição d'esta faz-se depois, por meio de tubos de ferro, na área toda da cidade por este modo servida. A obra custou á companhia pouco mais de 100.000\$000 rs., e as machinas fazem a despesa annual de 3.300U000 rs. Levantam-se por dia 1.900:000 litros d'agua, consumindo por cavallo e hora 1 kilo de carvão e correspondendo isto a 75 kilogrammas d'agua levantada. Com 100 contos de réis, pois, e mais 3 de despesa annual, conseguiu-se um abastecimento, valendo quasi tanto ou mais como o que se chegou a ter na estiagem, á custa de milhares de contos, por meio do grande aqueducto, ainda augmentadas as aguas livres com as da Matta e Carnaxide; tão importante foi o melhoramento por semelhante modo alcançado.

O relatorio de 1868 da actual companhia das aguas dá para esse anno a seguinte medição com relação ás aguas do aqueducto, no principio da estiagem:

Aguas livres.	50 an.	2 pen.	1.351.803	litros
• da Matta.	51	• 7	•	1.396:420
• de Carn*	13	• 2	•	353:284
• de part.	2	• 7	•	78:200
Total.		118	2	2.179:707

No auge da estiagem, a 8 de setembro, esta quantidade foi de:

Aguas livres...	29 an.	0 ¹ / ₈ pen.	779:879 litros
da Malta	27	5 ³ / ₈	744:814
de Carn ^o	7	5 ¹ / ₈	207:704
de partes	1	2 ¹ / ₈	039:734

Total... 65 7¹/₂ 1.772:211

O relatório de 1869 manifesta est'outra medição da totalidade das aguas livres, Carnaxide, Matta e particulares:

Janeiro...	607 an.	6 ¹ / ₂ pen.	16.337:000 litros
Fevereiro...	454 an.	2 ² / ₈ pen.	13.047:000 litros
Março	319 an.	1 pen.	8.577:000 litros
Abril	273 an.	3 ⁵ / ₈ pen.	7.351:000 litros
Maió	272 an.	0 ³ / ₄ pen.	7.314:000 litros
Junho	17 an.	5 ³ / ₄ pen.	4.891:000 litros
Julho	136 an.	3 pen.	3.666:000 litros
Agosto	127 an.	6 ³ / ₈ pen.	3.438:000 litros
Setembro	129 an.	5 ¹ / ₂ pen.	3.501:000 litros
Outubro	128 an.	1 ³ / ₄ pen.	3.408:000 litros
Novembro	133 an.	6 ¹ / ₈ pen.	3.612:000 litros
Dezembro	126 an.	7 ³ / ₈ pen.	3.428:000 litros

Resumindo temos pois, para o actual abastecimento, das aguas orientaes, e conforme a avaliação do engenheiro Aguiar, o fornecimento diário de 2.456:706 litros, que podemos supprôr todos aproveitados; além d'isso, do aqueducto geral na estiagem, conforme a medição de 1868, mais 1 772:211 litros, e conforme a de 1869 3.408:000 litros; o que faz ao todo, para o primeiro caso 4.228:917, e para o segundo 5.864:706 litros de agua diaria em Lisboa. Conforme o ultimo censo, Lisboa na sua rigorosa circumscripção administrativa tem pouco mais de 160.000 habitantes; o abastecimento, porém, feito pelo aqueducto não serve só esta população, vae tambem aos suburbios; não erraremos por tanto muito, suppondo 200:000 o numero de individuos abastecidos pelos 4.228:917 ou 5.864:706 litros d'agua, fornecidos a 20 até 30 litros por pessoa em cada dia. É assim mesmo 3 a 4 vezes o que já foi, e a quanto se tem chegado em virtude das diligencias até hoje empregadas para trazer a Lisboa as aguas de que a povoação carece. Resta saber se é o que basta, se precisamos continuar a pedir mais.

Quando em 1855 se começou a levar a effeito o maior abastecimento d'aguas em Lisboa por meio da organização de companhias empresarias, a que tomava por firma Rumball e Medlicot, propunha-se fornecer a cidade na estiagem do dobro das aguas que esta então recebia e se calculava ser de 4litr.,94 ou 3¹/₂ canaças por individuo; tão pouco parecia apreciar-se n'essa época quaes eram as verdadeiras necessidades a este respeito. É verdade que

logo depois passou a proposta ou a exigencia, do duplo ao quíatuplo, julgando-se occorrer a tudo do modo melhor com a distribuição de 17¹/₂ canaças ou 24litr.,70 d'agua por individuo. É proximamente o que se tem effectivamente alcançado depois de todas as diligencias até hoje empregadas pelas duas companhias das aguas, reconhecendo-se porém não ser o que basta.

A cidade de Paris, que no principio, como todas as povoações, vivia da agua das nascentes e poços, accumulada nos diferentes lençoes aquiferos das camadas geologicas do terreno adjacente, só em 1777 começou a levantar as aguas do Seine para o seu abastecimento; e em 1850 obtinha este abastecimento com as aguas das nascentes existentes ao norte da cidade, as provenientes d'Arcueil, as existentes do poço de Grenelle, as do canal de l'Oureq, além das que saiam do Seine. Não contente com isso cuidou depois de adquirir as aguas das nascentes, e da drenagem de uma porção do solo cretaceo da Champagne, o que deveria trazer à cidade 170:000 metros cubicos da melhor agua, conduzida por 479,9 kilometros de aqueductos, e isto pela despeza que fôra orçada em 62 milhões de francos. Parte d'estes aqueductos, o de Dhuis, chegou a construir-se, e metteu na cidade 40:000 metros cubicos d'agua; a outra parte, a que havia de constituir os aqueductos de Sommesonde e de Vanne, contava-se que fosse substituida por mais 300:000 metros cubicos d'aguas levantadas diariamente do Seine, e trazidas filtradas a Paris, conforme o conselho e projecto do engenheiro Aristides Dumont, o auctor dos filtros naturaes da cidade de Lyon. Com isto e com os meios anteriores esperava-se um abastecimento diário de 470:000 metros cubicos d'agua, correspondente a 230 litros por individuo.

As necessidades d'agua para uma cidade populosa, conforme as formulou primeiro Dupont e D'Aubuisson (1), podem exprimir-se do seguinte modo:

Por individuo	20 litros
Cada cavallo	75 litros
Vehiculo de 2 rodas	40 litros
Vehiculo de 4 rodas	75 litros
Por metro de jardim, suppondo 100 dias e 5 litros por metro quadrado em cada dia	1.5 litros
Machina de vapor, alta pressão, por cavallo de força, e por cada 1 de tempo.	4 litros
Dita baixa pressão	20 litros
Dita com descaço (à détente) e conden.	10 litros

(1) Vide: *Estatistique des eaux de Paris*, par Émery. Ann. des Ponts et Chaussées, 1.^o sem. pag. 145.

Com isto ha a attender todas as precisões industriaes, os banhos publicos, a rega e a limpeza da cidade, do que poderemos formar idéa pelos seguintes numeros.

Em 1840 os estabelecimentos industriaes eram 336, e consumiam por dia 1032 metros cubicos ou 1.032:000 litros d'agua. Depois esta despesa não terá feito senão crescer, como é natural.

Cada banho com os accessorios de que precisa, calcula-se gastar 3368 litros d'agua. Pela mesma época de 1840 Paris consumia por anno 1.637:500 banhos, e por conseguinte 551.182:500 litros d'agua, o que importava em 122:720 francos, tendo a agua de cada banho o valor de 0fr,05 ou 0fr,12, conforme provinha do canal de l'Oureq ou do Seine. Isto corresponde ao consumo diario de 1.510:080 litros ou pouco mais de 1:510 metros cubicos, o que será hoje dobrado e mais com o augmento que tem havido na povoação.

Contava-se com 135 dias de rega nas ruas, feita duas vezes nos 100 dias e uma vez nos 35 restantes, o que faz 235 serviços de rega em cada anno. Para um metro quadrado de superficie regada julga-se preciso 1 a 1,6 litros d'agua.

A lavagem das ruas faz-se por meio dos marcos fontenarios, collocados para isso nos pontos salientes da cidade e dominando de um e de outro lado certo prolongamento das ruas. Havia em Paris assim 300 d'estes marcos fontenarios, collocados para isso nos pontos salientes da cidade e dominando de um e de outro lado certo prolongamento das ruas. Havia em Paris assim 300 d'estes marcos fontenarios que lavavam 113:000 metros de ruas, hoje deve haver mais. Faz-se este serviço durante uma hora, tres vezes ao dia, nos de verão, e consome-se n'elle e na lavagem dos canos por este meio mais da metade de todo o abastecimento das aguas de Paris, não despejando cada marco fontenario por dia menos de 1:800 a 2:000 litros d'agua. (2)

A agua do canal de l'Oureq nos domicilios custava em Paris, segundo Emery, a razão de 500 francos por anno o volume de dez metros cubicos diarios, ou valia 0fr,01375 cada 100 litros; é aproximadamente 2 réis por barril de de 3 almudes. O abastecimento feito pelas fontes publicas, pelos marcos fontenarios, é gratuito, assim como é o respectivo ás regas, á limpeza e ao serviço dos estabelecimentos

(2) Vide: *Eaux et bornes fontaines*, Emery. *Ann. des Ponts et Chaussées*, 1.^a serie, 1834, 1.^o sem.

publicos. Os bebedoiros para os cavallos dos vehiculos d'aluguel são tambem objecto de certa contribuição. Na época a que nos temos referido n'esta estatistica, havia em Paris 1:120 fiacres e 985 cabriolés de praça, servidos por 2:504 cavallos, que se suppunha consumirem cada um nas 16 horas do serviço diario 50 litros d'agua. A contribuição assim paga produzia no anno 117:000 francos, correspondendo por cavallo a pouco mais de 46 francos.

Em Londres o abastecimento é hoje feito com as aguas do Tamisa, do New river e das ribeiras Amwel e Lea, levantadas todas por bembas a vapor, e distribuidas pela cidade a perto de 300:000 casas de habitação, que recebiam assim diariamente em 1850 não menos de 260:000 metros cubicos d'agua, 90 a 100 litros por pessoa. São 9 as companhias empresarias, e d'estas, seis servem-se da agua do Tamisa, custando-lhes cada metro cubico d'agua levantada menos ainda que o valor de 3 réis. O abastecimento nas casas deixou de ser intermitente, os depositos por isso ali não existem a agua corre perenne nas habitações á vontade dos que a precisam. O pagamento feito pelos particulares ás companhias é regulado por uma porcentagem da renda das casas, 5, 4 e 3 por cento, segundo a importancia d'essa renda e mais se ha maior numero de *water-closet*, se ha carruagens, cavallos, e terrenos a regar. As casas de banhos, as fabricas e estabelecimentos industriaes pagam a agua que consomem, a razão de tanto o metro cubico; são além d'isso as companhias obrigadas a fornecer a agua precisa para a extincção dos incendios e para a limpeza das ruas, para o que existem distribuidas pela cidade as convenientes bocas de incendio, e os precisos marcos fontenarios, collocadas para isso as primeiras de 73 em 73 metros de distancia, os segundos de 500 em 500. Em quanto, porém, que em Paris se consomem por dia 55 litros nos serviços geraes da cidade e 35 nos usos domesticos, em Londres se gastam nos primeiros 15 e nos segundos 80.

(Continua)

EUCALYPTUS GLOBULUS

O mui distincto professor Bentley, em uma prelecção que fez sobre o *eucalyptus globulus*, nos jardins da Real Sociedade de Botanica em Regent'spark, depois de dar

idéa exacta sobre os seus caracteres, e sobre os das outras especies de *eucalyptus*, passou a enumerar os usos e as propriedades de todos elles, com especialidade os do *globulus*, da maneira seguinte:

A principal e a mais importante influencia que esta arvore exerce, e a que mais especialmente tem sido trazida á luz, é o seu poder de destruir o agente palustre, que se suppõe causar a febre nos districtos pantanosos, e por essa circumstancia, ficou-se chamando *arvore destruidora da febre!* Por isso, geralmente é considerada util em dous sentidos: 1.º porque as raizes d'esta arvore gigantesca, estendendo-se muito, actuam como se fossem esponjas, absorvendo a agua e seccando o terreno; 2.º porque suas folhas exhalam emanações odoríferas antisepticas. Provavelmente a influencia occasionada por estas emanções é pequena, posto que não sejamos, de maneira alguma, da opinião de alguns escriptores, que sustentam que estas emanções não dão resultado algum.

Com certeza, [não acreditamos, como foi ha pouco estabelecido, que os ramos de uma só arvore *eucalyptus* possam ter dado algum resultado neutralizando a influencia palustre de um districto, antes infeccionado constantemente pela febre; porém julgamos que as folhas de alamedas de *eucalyptus*, espalhando um cheiro agradável, estimulante, aromatico e camphorado no ar ambiente, têm uma influencia apreciavel, neutralizando os miasmas paludosos, e melhorando assim a salubridade do districto. Comtudo, segundo a nossa opinião, a grande influencia é inquestionavelmente causada pelo poder que as raizes têm de absorver a agua do solo.

Está estabelecido que uma arvore *eucalyptus* absorve dez vezes o seu peso d'agua; por ahi se pode avaliar até certo ponto a enorme força de sucção de multidões de taes arvores de maneira que, quando estiverem densamente plantadas em lugares pantanosos, o sub-solo é esgotado em muito pouco tempo como se fôra por um grande aspirador. Que a poderosa influencia d'esta arvore é d'esta sorte devida ao poder absorvente das raizes, sustenta-se tambem pelo facto de que outras plantas de rapido crescimento, quando plantadas em districtos pantanosos, têm um effeito sensível em diminuir sua influencia miasmatica.

E' este notavelmente o caso com o girasol, que para este fim cresce em grande extensão nas regiões paludosas de Punjaub e de outras partes do mundo: e o resultado tem sido que districtos que anteriormente erão notaveis por sua insalubridade, estão agora livres inteiramente da febre miasmatica. Porém qualquer que seja a causa ou causas que tornam um districto pantanoso, assim comparativamente salubre para o que era antes da introdução da arvore *eucalyptus* na visinhança, o facto é inquestionavel e está agora provado em varias partes do mundo. Assim no Cabo, em muito poucos annos, o cultivo do *eucalyptus* tem mudado completamente a condição climaterica das partes insalubres d'aquella colonia; e na Algeria, onde se têm feito experiencias em larga escala em um districto anteriormente conhecido por seu pestilencial e consequente predominio da febre, nenhum só caso se dá agora, embora as arvores não tenham mais do que nove pés de altura: e na visinhança de Constança existia tambem um districto reconhecido como conductor da febre, coberto de agua pantanosa tanto no inverno como no verão, que foi secco de todo em cinco annos por 14.000 d'estas arvores, gosando agora os habitantes de excellente saude.

Em Cuba, tambem as molestias pantanosas estão desaparecendo rapidamente dos districtos insalubres onde estas arvores têm sido introduzidas. No departamento de Var, dizem, que uma estação de estrada de ferro situada no fim de um viaducto, tão pestilencial a ponto dos empregados não se poderem demorar lá mais de um anno, é agora tão salubre como qualquer outro ponto da linha em consequencia da plantação de algumas d'estas arvores.

Poderíamos citar numerosos exemplos mais, por terem produzido o mesmo effeito na França, Hespanha, Italia, Allemanha e outras partes do mundo: comtudo, não podemos duvidar de que, embora os resultados tenham sido provavelmente exaggerados, as explicações são realmente correctas; e que esta arvore possui um effeito muito benefico neutralizando e melhorando a influencia miasmatica dos districtos pantanosos; e que se deviam fazer tentativas para se introduzirem estas arvores n'aquellas regiões, cujas influencias climatericas sejam favoraveis ao seu crescimento e desenvolvimento.

Em conclusão, temos de alludir muito rapidamente ás propriedades medicinaes do *eucalyptus globulus*. As propriedades febrífugas da casca e das folhas d'esta planta têm sido attestadas por muitos praticos distinctos, como M. Pepin, os Drs. Carlotti, Lorinzer, Keller, Maclean e o professor Gubler, e especialmente durante estes ultimos annos pelo Dr. Gimbert, que publicou duas communicações importantes sobre o assumpto. Dizem ser um remedio precioso e mais especialmente nas febres intermitentes e na bronchites.

Aos Srs. Savory & Moore devemos diversas preparações das folhas e da casca, taes como: tinctura, extracto fluido, xarope, extracto, pastilhas e pilulas, o que se tem tornado para elles um objecto especial de estudo. Provavelmente algumas das explicações exaggeradas que se têm dado á efficacia da casca e das folhas do *eucalyptus*, têm sido creadas pela idéa erronea de que a casca continha uma alcaloide semelhante, senão identico á quinina, o bem conhecido alcaloide da casca da quina. Porém as experiencias do Sr. Broughton, chimico do governo de Ootacamund, são inteiramente pela opinião contraria, porque, por exame cuidadoso da casca e das folhas, o Sr. Broughton attesta que nem a quinina e nem os outros alcaloides da casca da quina, como quinidina, cinchonina ou cinchonidina existem na planta em proporção alguma.

Comtudo as propriedades que a planta possui, parecem, tão conhecidas como são hoje, ser devidas essencialmente á presença do *eucalyptol*, já enunciado como o principal elemento do oleo *eucalyptus*.

Do testemunho de numerosos medicos praticos nas varias partes do mundo onde a planta tem sido introduzida, e de sua reputação popular contra as febres na Australia e outros paizes, acreditamos que ella possui propriedades anti-periodicas, embora sejam muito menos importantes que os da quina.

Para as preparações das folhas, devem se usar somente das mais pequenas, porque as recentes investigações de um medico allemão Dr. Hermann Oeffinger têm mostrado serem ellas mais efficazes do que as maiores achadas nos rebentos herbacios mais novos e de mais rapido crescimento. O Dr. Gimbert introduziu tambem, ha pouco, um novo methodo de curar as feridas com as folhas do *eucalyptus* em lugar de

fios. Collocam-se simplesmente as folhas sobre as feridas; e dizem que a sua natureza balsamica não só cura, mas tambem expelle todo o cheiro desagradavel.

O outro modo de usar das folhas d'esta planta é em forma de cigarros, que são feitos pelos Srs. Savory & Moore e tambem pelo Sr. Bosisto, de Melbourne, que, primeiro os apresentou na Exposição de Paris. Estes cigarros são reputados efficazes nas affecções asthmaticas, bronchicas e em outras.

Fizemos um traçado geral dos caracteres, propriedades e usos do *eucalyptus globulus*, e porém não podemos concluir senão que, permitindo a exaggeração quando vemos a belleza e a provada influencia desta planta melhorando o caracter pestilencial dos districtos paludosos e os numerosos e valiosos productos medicinaes tirados d'ella, o genero é um dos mais importantes do reino vegetal para o homem.

(Trad. de *Medical Times & Gazette*.)

Dr. Barros Sobrinho.

SILICATO DE POTASSA OU VIDRO LIQUIDO.

pelo Dr. Pedro Luiz Napoleão Chevnoviz.

O uso do silicato de potassa estende-se de mais em mais nos hospitaes de Paris, como se pode julgar pelos algarismos seguintes, que indicão as quantidades fornecidas desde alguns annos pela pharmacia central. Em 1865 a quantidade não era senão de 10 kilogrammas, entretanto que em 1873 elevou-se a 2,223 kilogrammas, ao passo que o consumo da dextrina cahia de 402 a 57 kilogrammas.

O silicato de potassa das pharmacias é um producto liquido, de consistancia e côr do xarope de gomma; emprega-se para molhar as ataduras destinadas para osapparelhos inamoviveis das fracturas. Guarnece-se o membro com algodão em pasta, e enrola-se com a atadura ainda humida: esta torna-se dura ao cabo de 5 a 6 horas, e forma um apparelho rigido, cujas principaes vantagens são: a impermeabilidade, a solidez, e a facilidade com a qual se pode tirar por meio da agua a ferver. Emprega-se hoje com preferencia ao gesso e á dextrina.

Preparação.—A solução do silicato de po-

tassa, destinada aos usos chirurgicos, é incolor, viscosa; deve marcar 33 grãos Baumé, iguaes a 1,298 de densidade.

Eis-aqui como se prepara: N'uma fornalla de reverbero, de forma elliptica, aquecem-se, até ao *rubro branco*, durante quatro horas, 630 kilogrammas de areia com 330 kilogrammas de carbonato de potassa. Obtem-se assim 845 kilogrammas de vidro transparente, incolor ou levemente amarelado. Para dissolver o vidro assim formado, introduz-se, reduzido a fragmentos, na agua, a qual se eleva á alta temperatura, n'esse vaso ferreo. O silicato de potassa, empregado na cirurgia não é, pois, outra cousa senão o *vidro liquido*, designado antigamente debaixo do nome de *licor de calhãos*.

Todos os silicatos de potassa, do commercio, não apresentam as qualidades adhesivas necessarias para a boa confeição dosapparelhos das fracturas. É necessario, pois, antes de empregal-os, verificar as suas propriedades. Um meio simples consiste em dar voltas ao redor de um cylindro de páo, de cerca de 5 centímetros de diametro, com a atadura molhada no silicato de potassa, o que permittirá julgar do poder adhesivo da substancia, e do tempo necessario para a sua desecação.

Pariz 18 de Junho de 1874.

CORRESPONDENCIA

ESTADO SANITARIO E FACTOS CLINICOS NO CEARÁ

Meu collega.—Volto de novo as columnas do seu conceituado jornal para cumprir o dever que muito me honra.

De regresso da minha excursão ao centro da Provincia reassumi o exercicio da minha clinica civil, militar e do hospital, por pouco tempo interrompida.

Os casos mais communs que tenho tido têm sido benignos, a excepção do 2 de *vomito negro*, que foram fataes á dous individuos de fora da Capital—isto prova inda que, onde uma vez houve *vomito negro*, nunca mais se extinguiu a nodoa dessa filha de São.

Todos os annos, quasi sempre, por esta epoca, depois que ella aqui esteve epidemicamente (1851) alguns casos fazem uma, ou duas victimas!

As intermittentes, em fins d'agua, como

como se diz vulgarmentê de concumitancia se apresentam; o que fizera talvez Chervin dizer que ellas são identicas.

No hospital, na minha enfermaria de mulheres, mais do que nas de homens ellas me tem feito, na maior parte dos doentes, suspender a medicação seguida e dar o q. q.—para cortar ligeiros accessos.

Um caso de febre perniciosa de forma abdominal e em que o doente rejeitava, ao mesmo tempo, materia biliosa pelo vomito e nidorosa insuportavel, pelos frios, foi combatido pelo q. q.—*larga manu*.

Nesse doente deu-se mais a singularidade que a proporção que os accessos ião cedendo, caimbras e colicas intensas atormentavam-o. Na convalescencia uma dysenteria symptomatica desappareceu pela acção moderada do opio.

No meu fraco modo de pensar, quando o q. q., é necessario não ha contraindicção que suspenda a mão do medico e, se elle vacila e não se faz d'Edipo a *Sphynge* atira-lhe com o doente na sepultura!..

Na honrosa commissão de que fui injustamente incumbido pelo governo provincial, a fim de reconhecer a natureza e caracter de febres reconhecidas pelos habitantes da freguezia de Soure, foi lá, onde vi em maior escala o elemento paludoso fazer as mais bisarras manifestações e, não se afastando dos seus typos conhecidos por nos outros, estava e ainda está, não obstante as pequenas prevenções e auxilio prestado pela Presidencia, fazendo algumas victimas.

Ali a febre, em cada individuo, permittame a exaggeração, se apresentava por um cortejo insolito de symptomas; mas, no fundo desse quadro, via-se bem claro o miasma que, se não arrebatava o doente, deixava-o cachetico como uma rã.

A temperatura elevada da athmosphera, o solo baixo e humedecido por aguas estagnadas, tendo em decomposição materias animaes e vegetaes, davão, como a causa da febre.

O q. q. poderá, mesmo, destruir esse inimigo que de dia á dia se levanta em numero igual, ou superior? Creio que sim.

A proposito, dizia um medico illustre a um estudante que desconhecia uma manifestação paludosa, no meu tempo de Academia:—o paludismo, Sr., pode se apresentar por todos os modos que se queira imaginar!—

Um caso de febre typhica de forma thora-

xica transformou-se em intermittente e o q. q. foi ainda o heroe, não obstante o resen-timento pulmonar que só foi curado depois de jugulada a febre.

E esta a constituição medica que temos actualmente aqui

Alguns casos de distocia têm apparecido e não têm feito victimas, faltando-nos mesmo especialistas; porque o Dr. Ribeiro que mais se dedicava a isto, se acha bem doente e só cuida da sua saúde que é bem apreciada.

Ha poucos dias tendo sido chamado para ver uma doente que, me dizião, estava em trabalho de parto havia 5 dias; lá fui e encontrei uma mulher de constituição fraca de temperamento lymphatico, prostrada em um leito de lona, na maior miseria, ardendo em febre, com séde intensa, cephalalgia; vomitando bilis com eructações nidrosas, tympanismo; braço direito echymosado, uma asa do cordão umbilical de um feto em procidencia na vulva, que era incoberta pela vagina, procidente por sua vez! O liquido amniotico tinha sido expellido em totalidade e o orgão gestador estava fortemente retrahido sobre o corpo do feto e inerte! Tudo isto não me desanimou em tão urgente caso.

A mulher sendo posta em posição, e reconhecida a 2. apresentação da espadua direita, tentei logo a versão podalica por me ser mais facil em taes circumstancias.

Recolhi a vagina e introduzi a mão correspondente ao braço procidente e não podendo seguir o plano lateral direito do feto, nem mesmo, o anterior, como manda a regra, por causa da retracção do orgão e do esgoto do liquido, accompanhei o braço até sua axila e d'ahi, com a mão em pronação, comprimindo o ventre fetal, fui ter a prega inguinal direita; accompanhei o membro correspondente até ao pé que, sendo preso com firmeza, foi trasido para a vagina. A mão esquerda que apoiava o ventre veio segurar o pé direito em quanto eu fui procurar o esquerdo.

Feita assim a versão o feto veio em supinação, sem difficuldade alguma até a extremidade cephalica, cuja extracção, sendo trabalhosa deste modo, foi facil em posição opposta:—diametro occipito frontal com sacro pubiano, estando o feto de bruço.

A doente, em menos de 1/2 hora estava livre de um feto de termo, morto, á quem durante a vida a commadre havia puxado

pelo braço e cordão deixado no estado em que o vimos e a parturiente em condições do uma morte proxima, tendo-se ausentado, como ella propria diz!! Não sei, se por ahi, como por aqui, ellas fazem disto. E [a lei?... Não houve proposito talvez!

Acába de entrar para o hospital um doente victima de uma desgraça, como eu ainda não tinha visto, e que faz horror referir-se.

Estando em Mecejana a raspar e comer ametade de um côco, um individuo, de instinctos perversos, aproximou-se d'elle e apanhando-o de surpresa e desfeixando-lhe um golpe certo e vigoroso nas articulações do punho, decepou-lhe, incontinente, as duas mãos que cahirão com a mesma rapidez do golpe!!!

O instrumento tão atiado estava que cortou como raio 13 ossos enumerados assim; 4 metacarpianos, 4 ossos proprios do carpo esquerdo, 4 direitos e o rebordo da cabeça do cubito correspondente!!!

Tanta perversidade só se explica pelo acaso!

O doente soffreu ainda a amputação do braço em que a desarticulação não podia ser aproveitada, e não querendo ser chloroformisado, com o maior heroismo deixou ser operado.

Um outro doente tambem se recolheu a minha enfermaria para ser curado de fractura da rotula esquerda em consequencia de escorrego e queda no passeio da rua. E' uma fractura de difficil reunião e de custosa consolidação.

Na enfermaria das mulheres tive um caso de ovarite chronica direita bem pronunciada e em que tirei muito bom resultado, curando radicalmente a doente, pela applicação interna do iodureto de potassio, tendo por vehiculo o xarope de genciana na formula de que uso e que é a seguinte:

Xarope de genciana..... 60 gram
Iodureto de potassio..... 1/2 »

Para tomar em duas porções, de manhã e a noite.

Conservando o mesmo vehiculo eu mando augmentar todos os dias 1/2 gram. até 4, quantidade de que mando diminuir na mesma proporção até a primitiva.

Raro é o doente que não se cura dos accidentes secundarios e mesmo terciarios da syphilis, ao menos por algum tempo, quando o mercurio não produz effeito ou o doente não póde toma-lo.

Esta ovarite seria combatida por outros meios se a doente não se queixasse de dores rheumaticas, razão porque submetti-a logo ao iodureto e, vendo que o medicamento foi repercutir no ovario, como que tornando agudo o estado chronico, dei um purgativo e continuei a prescrição auxiliando-a com as fricções da pomada da mesma substancia sobre o tumor.

Se não tivesse um collega observado comigo uma cura singular pela applicação desta formula, eu não lh'a refereria. E' ella a seguinte:

Uma escrava do Dr. M. P., sendo recolhida ao hospital para ser tratada de leucorrhéa e de polypo na fossa nasal direita que não foi logo operado porque não era urgente e eu andava muito occupado, foi submettida a essa prescrição e a proporção que a leucorrhéa melhorava a preta me dizia que ia melhor da *intopição*, como ella chamava, e, no fim de alguns dias vi admirado que o polypo se reduzia muito, e como continuação do remedio, se atrophiou a ponto de ficar reduzido a uma pequena crosta que distaquei com grande facilidade sem deixar vestigio.

Aqui como ali de uma cajadada matei dous coelhos, como diz o rifão.

Taes são, meu collega, os casos mais importantes da clinica que tenho tido, desde a minha volta até agora.

Em algumas localidades interiores as febres paludosas fazem victimas.

No Pereiro a variola, de caracter epidemico, tem tomado proporções que reclamão sèrias providencias de quem compete da-las:

Se não lhe refiro estas observações, cada uma de per si, com os seus pormenores é porque seria fastidioso; e de mais, sendo a observação escripta massante quando é bem feita, é insuportavel mal feita, como as deste seu collega, que não tem razão para abusar da condescendencia dos leitores. Os factos existem e é do meu dever narral-os mesmo assim.

Longum iter per prœcepta, breve per exempla.

Dr. Meton da F. Alencar.

VARIEDADE

OS GEMEOS SIAMEZES

Todos os jornaes noticiaram o fallecimento dos dous irmãos indianos, unidos pela natureza, e que por mais de meio seculo causaram admiração de sabios e curiosos de todo o mundo civilisado. Agora que a morte quasi simultanea de ambos revelou o mysterio d'aquella mutua prisão, que tantas conjecturas suscitou entre os homens da sciencia, julgamos satisfazer a curiosidade dos nossos leitores offerecendo-lhes o interessante artigo em que a *Lancet* de 14 de março ultimo, baseada no relatorio dos medicos americanos que fizeram a autopsia, revela o que n'este extraordinario phenomeno havia de real e positivo, pelo que respeita ao laço de união dos dous celebres irmãos siamezes.

A traducção do artigo d'aquelle semanario de Londres é do Sr. Dr. J. B. Bueno Mamo-ré, joven e talentoso medico do Pará, a quem pedimos venia para o trasladar para as nossas columnas.

Recebemos afinal o relatorio da commissão nomeada para o exame necroscopico dos gemeos Siameses.

Não é a todos os respeitos uma peça completa, desde que omittem-se as condições dos órgãos thoracicos, bem como os do cerebro.

Como annunciamos, os cadaveras foram logo embalsamados por meio de uma solução de chlorureto de zinco, que serviu para a injectão empregada.

As duas arterias iliacas direitas foram isoladas em ambos os individuos e a injectão foi primeiro empregada na aorta até que apparecêse nas incisões praticadas nos dedos e depois das iliacas, até surgir nas que se fizeram nos artelhos. Feito isto, a ineisão foi prolongada de cada lado, até á margem do laço connectivo que prendia os dous corpos, passando-se em seguida ao estudo do tecido do mesmo laço. Os operadores foram o Dr. Wm. H. Pan-coast e professor Harrison Allen, cujo relatorio foi lido n'um *meeting* especial da junta medica de Philadelphia, na quarta feira 19 de feve-reiro ultimo.

O Dr. W. S. Ruchenberger, d'armada americana, presidia o acto, achando-se tambem presenteo Dr. Hollingsworth, que era o medico assistente dos gemeos.

Sobre uma mesa preparada, achavam-se os

cadaveres a disposição dos que os quizessem examinar.

Antes, porem, de passarmos á descripção anatomica dos gemeos, feita pelos Drs. Pancoast e Allen, que o *New-York Times* de 20 de fevereiro extrahiu do *Philadelphia Medical Times*, da mesma data, referiremos synopticamente alguns factos relativos á vida domestica dos dous singulares seres, cuja existencia, em perenne e mutuo cativeiro, acaba de findar-se.

Em linguagem anatomica, eram elles communmente chamados *monstros*, *jargões* diremos nós. Não eram effectivamente monstros, e, qualquer que fosse a classificação que os ultrajasse deshumanamente, sob o pretexto de uma qualificação scientifica, Chang e Eng eram effectivamente homens.

É verdade que elles eram accidentalmente presos por um « laço vivo », porém sob o ponto de vista psychologico, e, podemos dizel-o, physiologico, eram pessoas distinctas.

Nasceram em Siam no anno de 1811 e cedo tornaram-se universalmente conhecidos. Ainda jovens, mostraram-se em varias capitães da Europa e da America, e, em 1829, estiveram na Inglaterra. Finalmente estabeleceram-se na North Caroline (America), nas proximidades do Monte Airy. Casaram-se e tiveram uma numerosa familia, Eng tendo 18 e Chang 9 filhos. Ha poucos annos deixaram de novo seu domicilio e andaram a correr mundo em exposição. Em 69 voltaram á Inglaterra, e, a 13 de fevereiro desse anno uma noticia especial d'elles foi publicada neste jornal—(*The Lancet*.)

De volta aos seus penates na North Caroline, continuaram a entregar-se á vida activa, porém vida menos feliz (ao que parece), que d'antes. Chang perdeu seu bom temperamento, tornando-se excessivamente irascivel, resultando d'ahi a pendencia, que terminava pela força bruta. Um dia recorreram á justiça criminal por causa de uma desavença e logo depois instaram com o Dr. Hollingsworth para que os separasse, sob a declaração de Eng que « tão máo » era seu irmão, que mais não podia viver com elle; e este, que « seria muito feliz » se tal separação se effectuasse.

Persuadia-lhes então o seu facultativo de que importava que assim permanecesse, no que foi attendido por quanto afinal reconciliaram-se conformando-se com sua sorte. Quando em 69 estiveram na Inglaterra, foi notorio que Chang era physicamente muito inferior ao seu

irmão Eng; sempre fôra considerado mais fraco no corpo, mais forte no espirito; porém sua fraqueza physica achava-se então mais augmentada. O relatório precitado, é singularmente explicito a respeito. O Dr. Anstie havia medido a circulação dos dous gemeos com o sphygmographo, cujos traçados obtidos deverão ser agora consultados com duplo interesse. O pulso de Eng indicava uma grande tensão do systema arterial e do seu conteúdo; para que se pudesse obter um traço bem visivel, era necessaria uma pressão de 300 grammas.

O pulso de Chang mostrava uma tensão inferior, de modo que a mola de pressão (*spring pressure*) tinha de ser abaixada para obter-se uma larga curva.

A comparação d'esses traços, affirmava-se n'aquella occasião, era mais instructiva. « Eng é mais alto e mais forte em apparencia, entretanto, segundo as indicações do pulso, pôde-se duvidar que elle tenha mais energico o coração, que seu irmão. Chang é alguma coisa mais fraco em sua compleição; seu *systema arterial* acha-se mais evidentemente adiantado nas trocas que indicam a degeneração organica dos ultimos periodos da vida; e, de perfeito accordo com este facto, é manifesto que, pelas indicações do sphygmographo, possui um coração mais fraco que o do seu irmão.

Quanto são correctas estas observações, ver-se-ha pelo que se vae lêr. Como para tornar mais palpaveis estas diferenças nas condições physicas dos dous irmãos, é especialmente digno de nota que, em quando Eng era sóbrio, Chang muitas vezes excedia-se nos alcoolicos. Para os ultimos periodos de sua existencia, convieram em que cada qual administraria sua casa separadamente.

Distava uma da outra, cerca de milha e meia, sendo occupadas alternadamente por tres dias, isto é, Eng visitava Chang por tres dias, findos os quaes retiravam-se por igual tempo para casa de Chang.

Tão restrictamente era esta convenção observada, que, nenhum accidente de molestia ou de morte os dispensava do compromisso.

Em 1870 Chang continuou a soffrer em sua saude e em agosto foi accomettido de um ataque de paralyia: facto que bem podia ser previsto pelo traçado sphygmographica do seu pulso. Nunca mais restabeleceu-se inteiramente deste incommodo que o fazia desacoroçoar, dizendo muitas vezes, para o fim da vida:— « Não podemos viver muito tempo. » D'aquí se infere que elle previa que ambos deviam

morrer na mesma occasião, embora lhes assegurasse o Dr. Hellingsworth que tal não devia acontecer necessariamente, e quando fallecesse um d'elles, que separaria do morto o sobrevivente.

Era no dia 15 de janeiro d'este anno, quando ambos iam da casa de Chang para a de Eng: aquelle achava-se incommodado com tosse e dór de peito, e sendo extremamente frio o tempo, advertio-lhes o Dr. Hellingsworth que era uma imprudencia o saírem: porem elles, obstinados, como de costume, venciam a distancia de uma casa á outra em wagon descoberto. Na manhã de 27, Chang achava-se melhor, porém disse que durante a noite fôra tomado de tão violenta dor de peito, que julgou-se morto.

Os irmãos recolheram-se a cama no dia 16, pela molestia de Chang, achando-se Eng de boa saúde.

Dormiam n'um quarto onde só entrava o filho mais novo de Eng. Antes de deitarem-se, reclinaram-se em uma grande e dupla cadeira, expressamente feita para accommodal-os.

Eng fumava seu cachimbo até que lhe viesse o somno e então dizia: — « Vamo-nos » : porem Chang replicava: — « que não podia conciliar o somno porque seu irmão roncava muito e que o havia de matar para poder dormir. » A final iam para a cama e uma ou duas horas depois ouvia-se um chamar pelo outro.

Quando Eng despertou na manhã do dia 17, perguntou a seu filho: « como está teu tio Chang? ao que respondeu o rapaz está frio, está morto.

A' esta resposta, Eng entrou em grande estado de excitação e começou a gritar: — « Vou morrer! » Fez vêr a sua mulher que se achava extremamente mal, pois seus dias estavam contados.

Queixava-se de agonisante dor e perigo, especialmente nos membros.

A superficie do corpo achava-se coberta de um suor frio. A seu pedido sua mulher e filhos lhe fizeram, por espaço de uma hora, fricções nos braços e nas pernas, puxando-os e distendendo-os com esforço, feito o que elle caiu em profundo coma, no meio do qual succumbiu placidamente sem convulsões ou luta. Infelizmente a morte sobreveio antes da chegada Dr. Hellingsworth.

A causa de ambos não tem sido satisfatoriamente discutida.

Pensa o Dr. Allen que Chang morreu de uma apoplexia cerebral. Pelas pesquisas que procedeu-se em casa deste, foi levado a

crer que os symptomas dos órgãos respiratorios erão pouco intensos para serem attribuidos a uma pneumonia.

A subitaneidade da morte: o atheroma geral das arterias e o facto de que houve previamente um ataque de paralyisia cerebral, tudo induz á crer ao Dr. Allen que a morte originou-se em uma affecção cerebral.

A respeito de Eng, pensa que seu fallecimento se pode explicar pelo *terror e pela commoção violenta do systema nervoso*, permanecendo clara a intelligencia até o momento do collapsus, que era provavelmente syncopal. Em apoio de hypothese, cita-se que a bexiga de Eng se achava repleta de urina depois da morte.

Quanto a nós, parece-nos rasoavel esta explicação, pois, na verdade, a excitação exagerada, o suor frio e a perda dos sentidos, indicação de modo inequivoco o «terror» como causa proxima da morte.

Assentara que havia de morrer ao mesmo tempo que seu irmão, e como lhe faltasse na occasião a promessa do Dr. Hollingsworth, de o separar, o resultado foi que este auxilio fez-se esperar inutilmente.

A morte de Chang não pode ser tão facilmente explicada.

A theoria emittida pelo Dr. Allen—*de uma apoplexia cerebral*—, é plausivel, como o é igualmente a de uma *congestão pulmonar subita*, por paralyisia vascular.

Sua ultima queixa de oppressão no peito e de difficuldade do decubitus, levam-nos á esta conclusão. Já vimos que seu coração era muito enfraquecido; por tanto é facil acreditar que elle tinha de succumbir subitamente, sob a resistencia opposta por uma congestão dos vasos pulmonares.

Por muitos motivos seria vantajoso remover toda a duvida sobre a causa desta dupla morte, e, especialmente, ter notado se as lesões eram as mesmas ou differentes, em ambos os individuos.

Provavelmente a injeccão que foi praticada estorvou necessariamente esta pesquisa.

Voltemos ao topico do relatorio dos Dr. Pancoast e Allen, concernente ao laço connectivo pelos quaes os gemeos eram presos, e a cujo respeito tantas divergencias se apresentaram entre os versados em physica

Este laço, como deve se recordar o leitor, tinha 4 1/3 pollegadas de extensão; 7 1/2 pollegadas em circumferencia nos extremos que adheriam aos dous corpos.

São estas as dimensões tomadas em Londres quando os gêmeos ahí estiveram em 1860, porém observemos que o Dr. Pancoast dá para este laço 4 pollegadas de comprimento e 8 em circumferencia na parte media.

O laço era firme, forte, flexivel.

Quando nasceram, eram presos um ao outro pelo já mencionado laço, ficando quasi face a face, porém pelo correr do tempo, já podiam ficar lado a lado, e quando eram moços o laço cedia tanto, que elles podiam deitar-se com os rostos desviados um do outro. Ainda ultimamente, podiam dormir hombro a hombro.

Na linha vertical mediana e na parte inferior do laço encontrava-se uma só saliência umbilical.

Asopiniões que corriam neste paiz (Inglaterra) sobre a estrutura do laço, foram com precisão resumidas em nosso artigo de 1869.

O laço continha tecido cartilaginoso, dependente do appendix xiphoide e das ultimas costellas inferiores.

Na linha mediana verificou-se uma especie de articulação rudimental, entre as cartilagens, igualmente (como já havia sido observado na infancia),—uma prominencia hernial na face inferior do laço, que, um esforço, como a tosse, fazia sentir distinctamente. A este respeito levantou-se uma hypothese de que era possível existir uma comunicação peritoneal atravez do « isthmo adhesivo. »

Que nenhum vaso importante existia no isthmo, a não serem os necessarios para a nutrição dessa parte anormal, acha-se evidenciado pela mais escrupulosa analyse sendo que nenhuma pulsação pôde ser alguma vez percebida. Alem do tecido peritoneal encontrado ainda outros existiam, isto é, o tecido areolar e o adiposo. Também se asseverou que o cordão umbilical se bifurcava no isthmo, porque communicações vasculares por anastomose entre os dous irmãos eram extremamente pequenas, e que, se em algum tempo o isthmo contivesse qualquer expansão de um fígado comum a cada gêmeo, as tracções e as pressões do laço continuadamente determinadas por diferentes circumstancias da vida, essa expansão hepatica, qualquer que fosse, teria sido reduzida a muito menores dimensões. Não conhecemos o auctor do artigo da «Lancet» escripto ainda em vida dos gêmeos, e ao qual já nos referimos: mas o que podemos afirmar, em abono da verdade, visto nos acharmos já de posse dos exames *post mortem*, é que esse artigo nos offerece a mais surpreendente prova

da exactidão a que tem chegado a arte do diagnostico, baseada nos principios da physica. Praticamente, como se verá pela continuação do relatorio de Pancoast e Allen, o diagnostico foi perfeito.

Depois de injectarem as arterias dos cadaveres dos gêmeos, estes dous medicos prolongaram as incisões em cada cadaver até a margem do isthmo, na frente. Então, o 1.º destes introduziu a mão na cavidade peritoneal de Eng e o mesmo fez em Chang o Dr. Allen. Assim levaram a exploração ao isthmo e impelleram os processos do peritoneo para a linha mediana do mesmo isthmo, até que os dedos exploradores de um e outro medico se encontrassem na porção inferior da linha mediana, porém com uma distincta dobra do peritoneo entre os dedos.

Isto demonstrou a um tempo—que os dous peritoneos se estendiam ao isthmo—apezar disso, eram completamente distinctos na linha mediana.

Um exame attento mostrou que do peritoneo de Chang, estendiam-se duas bolsas, uma na porção superior do laço, abaixo do appendix xiphoide, a outra na parte inferior do mesmo laço. A bolsa superior se dirigia do abdomen de Chang até o seu irmão, mas sem estabelecer continuidade com elle. A inferior immediatamente acima do umbigo, era sómente separada da pelle por uma delicada lamina de tecido, de modo que quando o dedo explorador, introduzido nella, movia-se, este movimento era percebido na pelle, na porção inferior do laço adhesivo. Esta bolsa inferior passava do abdomen de Chang atravez da facha e perdia-se nas dobras do ligamento suspensor do fígado de Eng. Do abdomen deste também se estendia uma bolsa peritoneal atravez do isthmo. Ella achava-se situada entre as duas bolsas de Chang e perdia-se nos planos do ligamento suspensor deste individuo.

A proposito dos prolongamentos de que tratamos, o Dr. Allen observa que quando se pensa na significação do ligamento redondo a existencia destas duas bolsas faz crer que se acham occupando o logar das veias umbilicaes, por cujo motivo propõe-lhes o nome provisório de «bolsas umbilicaes». E, acreditando igualmente que a—bolsa superior—continua com o abdomen de Chang sómente, foi durante a vida fetal occupada pelo parenchyma hepatico, o qual pelos progressos da idade foi decrescendo até deixar um espaço vazio, da-lhe o nome de «bolsa hepatica». Foi também verifi-

cado que os appendices xiphoides de cada um avançavam um para outro, de modo que se encontravam na linha mediana do isthmo, mas sem formarem propriamente articulação. A facilidade de movimentos dos appendices ensiformes soldados por meio de fibro-cartilagens, deve ser attribuido á sua propria elasticidade. A cima da bolsa peritoneal de Eng, descobriu-se uma tira vascular. Introduzindo-se alguma injeção colorada na circulação da veia porta de Chang, o fluido corria, através dos vasos da parte superior da tira, dirigindo-se para o systema da veia de Eng. Levantando-se os retalhos das duas paredes anteriores do abdomen, divisava-se o conteúdo das hypogastricas correndo, em cada corpo, para a tira de que fallamos e indo perder-se para o lado do umbigo commum.

Nenhum meio havia de reconhecer se o cordão umbilical era duplo, isto é, se havia quatro arterias hypogastricas, e duas veias umbilicaes, ou, em uma palavra, se o cordão era simples.

A anatomia cirurgica da facha resume-se do modo seguinte: (Dr. Pancoast)—O isthmo é constituido pela pelle; pelo *facia* subjacente; pelas duas bolsas peritoneaes separadas; pela grande bolsa peritoneal; pelas anastomoses vasculares entre as duas circulações da veia porta dos gêmeos e os vestígios das arterias hypogastricas, na porção inferior do *isthmo*.

A' esta descripção o Dr. Allen accrescenta que os tecidos eram em Eng bem fornecidos de substancia adiposa, ao passo que em Chang condições oppostas se notavam.

O lado do isthmo pertencente a Eng era bem nutrido; o de Chang, mediocrementemente. Em Eng algumas fibras do musculo transverso formavam um plano bem definido com intervallo entre a cartilagem ensiforme e a base inferior do thorax.

Em Chang eram muito menos pronunciadas estas fibras.

Não instiremos sobre alguns pormenores relativos á structura anatomica, por isso que já apresentamos aos nossos leitores o que ha de mais importante e essencial nesta parte do relatorio.

Não deixa tambem de ser interessante a comunicação feita ao «Philadelphia medical Times,» pelos medicos assistentes dos gêmeos, os quaes procuram provar que estas duas entidades eram physiologicamente distinctas:

«Elles eram diferentes em fórma, em gostos, em disposições. Todas as suas funcções

physiologicas eram desempenhadas separadamente e sem nexo algum. O que aprazia ao paladar de Chang, era detestavel para o de Eng. Este era uma boa alma; Chang, irascivel e impertinente. As molestias de um não reflectiam sobre o outro, pois em quanto se manifestava febre em um, as pulsações do outro eram normaes. Não raro soffriam de ataques biliosos, porém nunca simultaneamente. Quando Chang entregava-se aos excessos dos alcoolicos, Eng não soffria com isto, prova concludente de que não havia livre comunicação entre os systemas circulatorios de ambos. No artigo da «Lancet» de 1869, as mesmas distincções physiologicas foram plenamente assignaladas.

Na manhã em que o articulista consultara o pulso delles, encontrou em Eng 96 e em Chang 99 pulsações por minuto, differença que ás vezes era muito mais pronunciada. Os traçados sphygmographicos, como já vimos, apresentavam sensiveis differenças em ambos, do mesmo modo que as urinas analysadas eram de qualidades distinctas, a de um delles sendo normal e de fraca densidade, a do outro, ao contrario, era muito mais densa e continha um deposito de acido urico.

Nenhuma questão em nossos dias tem sido com mais calor debatida do que a de saber se, durante a vida, poderiam elles ser separados sem perigo, por uma operação cirurgica. Alguns oppunham-se á ella, considerando-a como necessariamente fatal; outros, porém, de bom grado a praticariam se se lhes offerecesse occasião.

Varios planos foram para ella apresentados: o bisturi, o esmagador e a pressão gradual de uma ligadura, porém todos ficaram sem effeito, por quanto os dous irmãos, na verdade, não mostravam grande empenho pela desunião, salvo quando um motivo qualquer de desgosto os irritava.

Sendo já de nós conhecida a estrutura do *isthmo*, achamo-nos agora habilitados a julgar melhor do resultado de uma tal operação. Em face, pois, destas noções, nos inclinamos ao modo de ver d'aquelles que pugnavam em favor da operação, por serem mais rasoaveis. Nada havia anatomicamente que se oppuzesse á separação. Não ha duvida que devia ser uma operação perigosa, porém, com certesa, não mais que a da ovariectomia e bem opportuna seria, se fosse praticada na mocidade.

Mas este é o que se pode chamar «o lado moral da questão.»

Vimos como Eng succumbio de uma violenta

ta emoção, não duvidamos que se houvera sido praticada a operação em 1869, um ou ambos teriam perecido, a despeito das habéis manobras cirurgicas, em consequencia do inevitavel abalo moral pelo qual teriam de passar. Assim pensavam Syme, Fergusson, Warren e Mott, que estavam de accordo com Hollingsworth, cuja opinião era que—se estes irmãos tinham passado a maior parte da vida nessa prisão reciproca, mais prudente fora que chegassem ao fim della enlaçados quaes vieram á luz do dia.

Os dous irmãos Siameses foram por espaço de sessenta annos um verdadeiro phenomeno curioso no mundo.

Mas não vieram unicamente para satisfazerem ao espirito de curiosidade.

O psychologista, o physiologista, o cirurgião pratico do futuro, aprenderão na sua historia muitas lições uteis e, a medida que as forem colhendo n'esta fonte instructiva, recordação, acreditamol-o, com tanta gratidão quanta admiração, a paciencia e pericia dos dous habéis cirurgiões americanos, cujo bẽm elaborado trabalho mencionamos largamente no decurso deste noticia.

Dr. J. B. Bueno Mamoré

NOTICIARIO

Uma epidemia de syphilis. (Relatorio do Sr. Badinet á academia de medicina de Paris.)

—O estado geral da saude publica em Brives era excellente no decurso do anno de 1873, quando de repente se manifestaram accidentes insolitos em muitas mulheres recém-paridas, e nos filhos e mulheres e maridos d'algumas d'ellas. Consultados os medicos da cidade concluíram, depois de exame attento d'estes accidentes que elles eram de natureza syphilitica. Concebe-se a perturbação e a emoção dos habitantes perante um similhante diagnostico. Assuspeitas e as accusações surgiram de todos os lados. Os maridos accusam suas esposas, que os accusaram a elles por sua vez; a desordem reinou nas familias e em muitas se fallou de separação.

Foi então que alguns maridos notaram que muitas das mulheres inficionadas tinham tido no parto a mesma parteira, que ella andava doente de um dedo havia muito tempo, que tinha perdido o cabello e as sobrancel-

has e que tinha no rosto manchas e borbulhas.

Estes cinco maridos combinaram-se e fizeram uma queixa judicial da parteira, accusando-a de ter inficionado suas esposas, elles e seus filhos, alguns dos quaes tinham morrido.

A justiça começou immediatamente uma instrucção que fez descobrir que 15 mulheres tinham sido inficionadas, 9 maridos contaminados, assim como 10 crianças, das quaes 3 tinham morrido.

E estas cifras são abaixo da verdade, tendo muitas victimas preferido calarem-se para escaparem á vergonha e outras não conhecendo a natureza do mal que soffriam, graças á habilidade dos medicos que tinham conseguido, com um fim louvavel, encobrir o nome da doença, como se prova pela confidencia que ao Sr. Badinet fez um medico de Brives.

O relatorio do Sr. Badinet começa pela exposição dos accidentes e sua evolução nas mulheres doentes.

Durante os primeiros dias e as primeiras semanas que se seguiram ao parto, nada de anormal; mas algumas sentiram prurido nas partes sexuaes.

E isto quanto o Sr. Badinet pode dizer sobre os accidentes iniciaes porque não foi consultado no principio. Mas desde o segundo mez em umas, e no decurso do terceiro em outras, sobrevem accidentes secundarios, roseola, placas mucosas, cephalalgia, queda dos cabellos, das sobrancelhas etc. Estes mesmos accidentes se mostram nos maridos que tem relações com suas mulheres; o mesmo acontece com as crianças.

O Sr. Badinet foi encarregado pela justiça de verificar os factos em um relatorio medico legal; o que elle fez conscienciosamente. E em vista d'este relatorio a parteira foi condemnada, em sessão do tribunal de 27 de março ultimo, a dois annos de prisão e 50 francos de multa, como culpada de homicidio por imprudencia, de pancadas e feridas involuntarias e de exercicio illegal da medicina.

Que deploravel catastrophe! Quantas desordens, questões, accidentes terriveis, occasionou esta parteira, e quanto é grande a sua responsabilidade! Certamente o Sr. Badinet fez bẽm em declarar, como circumstancia attenuante, que ella tinha provavelmente contraído a syphilis em consequen-

cia de uma picada no dedo, no exercicio da profissão. Mas o que agravou a sua situação foi que por ignorancia ou receio, ella não consultou os homens competentes e deixou desenvolver estes accidentes graves sem lhes oppôr tratamento algum racional. Ainda mais; parece que nos ultimos tempos ella não desconheceu a natureza dos accidentes, porque despersuadia as doentes de consultarem medico, dizendo que ella daria mercurio. Possa a sua condemnação servir d'exemplo ás outras a fim de que semelhantes factos nunca mais se apresentem.

Cremação (Crematio, em latim.)—Dá-se este nome á combustão e redução á cinza dos cadáveres. Foi proposta, por diferentes vezes, para substituir a inhumação, no interesse da hygiene publica, sem prejuizo ao respeito devido aos restos humanos, que seriam conservados como na antiga Roma. Este modo faria desaparecer, com os cemiterios, as numerosas causas de alteração do ar e de infiltração das agoas potaveis pelas substancias nocivas á saúde.

A questão da cremação está na ordem do dia na Europa, por causa da extensão que adquirem as captaes, e de insuficiencia dos cemiterios. Conferencias publicas tem lugar em Vienna, capital de Austria, para discutir este modo de destruição, e uma Sociedade formada debaixo do nome de *Urna*, é destinada a proseguir a sua realisação. A questão está ainda mais adiantada nos Estados-Unidos: uma sociedade de cremação, estabelecida em New-York, acaba de solicitar da legislação a auctorisação de proceder á incineração dos corpos. Promette não exigir senão 5 a 8 dollares (15 a 16 mil reis) por cadaver, obrigando-se a construir edificios e fornalhas accomodados para este fim.

Modo de conservar a madeira empregado nas grandes industrias e nas estradas de ferro.—Na sessão de 20 de Abril de 1874, da Academia das sciencias de Paris, o Dr. Hubert, Engenheiro civil, disse: « O ferro está reconhecido como um dos melhores agentes conservadores da madeira. A difficuldade era, não no modo de injectar ou de impregnar a madeira, porem, sim, em lhes fazer conservar o hydrato de ferro injectado. Este agente expelle a albumina da madeira, assim como os outros principios adoptados que,

pela fermentação, deteriorão esta substancia: Os insectos evitão as madeiras impregnadas de ferrugem, que não lhes apresentam senão uma alimentação nociva. O ferro é melhor do que o sulfato de cobre que tem grandes qualidades, mas cujo effeito torna-se nullo nos terrenos contendo materias ammoniacaes.

Para impregnar a madeira de ferro, basta introduzir á ella pregos compridos e delgados, de cabeça chata e larga. Dentro da terra forma-se ferrugem, que se derrama na madeira de um modo uniforme e permanente. As travessas de pau podem ser cercadas de fio de ferro. Pode assim conservar se intacta, durante perto de quinze annos, madeiras enterradas nos logares humidos. Acharão-se, dentro d'agoa, madeiras bem conservadas que estavam ali depois dos seculos: esta conservação foi sempre attribuida á presença do ferro. Nas casas velhas em demolição, nota-se que as madeiras guarneccidas de pregos são sempre bem conservadas, entretanto que as outras estão reduzidas a pó. »

Conservação dos ovos.—Manter os ovos durante 30 a 40 minutos, n'uma bacia contendo 5 kilogrammas de pedrahume e 5 kilogrammas d'agoa, na temperatura de 45° a 50° centigrados. Feito isto, tirál-os. Levar então á ebullição o soluto de pedrahume, e quando attingir o maximo de temperatura, mergulhar n'elle os ovos durante 10 a 15 segundos; enxugal-os depois. Quando frios, embrulhar os ovos n'uma substancia que possa impedir o accesso do ar: farelos, cinza, algodão, serradura de madeira convem para este uso. Segundo o inventor, (*Goffard*), os ovos assim preparados podem conservar-se um anno, o que seria mais util para as viagens maritimas.

FORMULARIO

Injecção contra a blenorria (Langlebert).—

Hydrolato de copahiba..... 100 gram.
Tanino, ou extracto de ratanhia. 1 »

Tres injecções ao dia na blennorrhagia chronica. Administrando ao mesmo tempo 2 grammas, e ainda mais, ao dia de terebenthina de Venesa, ou agua de alcatrão.